



Tradução de Luís Coimbra

ANNE BISHOP

Luã e SOMBRA

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*





Para
Kandra

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora; a Jenny Wegrzyn por me ter explicado tudo o que os falcões não fazem, para eu poder justificar aquilo que os meus conseguem fazer; a Kandra pela sua dedicação constante ao *website*; a Pat e Bill Feidner, simplesmente porque sim.



Nota: Este mapa foi desenhado por um autor com conhecimentos limitados de Geografia. Todas as distâncias representadas são fruto da imaginação e passíveis de modificação sem aviso prévio.



CAPÍTULO UM

Lyrra estava sentada, de pernas cruzadas, no colchão irregular. Ia escovando os seus cabelos ruivos, escuros, enquanto percorria com o olhar o quarto exíguo que partilhava com Aiden.

Pelo menos estava limpo. O chão fora varrido e a pouca mobília existente apresentava-se lustrosa e sem vestígios de pó. Além disso, a esposa do estalajadeiro anunciara, orgulhosamente, que mudava a roupa de cama sempre que tinham hóspedes, mesmo que só passassem ali uma noite.

Apesar dos defeitos do colchão, o quarto era um luxo, quando comparado com aquele que lhes havia calhado duas semanas atrás, onde um ratiño atrevido passara a correr por cima do seu pé, quando se estava a lavar diante da bacia lascada que fazia as vezes de banheira no local. Deixara escapar um guincho que acordara Aiden de um sono profundo e o arrancara da cama, com as pernas embrulhadas nas cobertas. Pelo menos aterrara em cima do colchão — ou quase —, e não de cabeça no chão.

O Bardo escrevera uma cantiga sobre essa peripécia, que suscitava gargalhadas ruidosas dos homens que a ouviam e sorrisos compreensivos das mulheres que a escutavam.

Desgraçado.

Ouviu-se um coro de risadas masculinas na sala de refeições da estalagem, que ficava ao rés do chão.

Lyrra franziu o nariz e sorriu. Calculou que Aiden tivesse chegado à parte do espetáculo em que cantava algumas das cantigas obscenas do seu repertório. E o Bardo tinha muitas por onde escolher.

Contudo, havia cantigas obscenas que deixara de cantar. Sempre que alguém lhas pedia, dizia que não eram do seu conhecimento. Claro que isso era mentira. Aiden era o Senhor das Cantigas. O seu dom como Bardo permitia-lhe saber as letras de todas as canções e tocar todas as melodias que alguma vez tinha ouvido.

Supunha que ele desistira das canções mais... descaradas... sobre homens e mulheres por causa da única música que cantava, sem exceção, em todas as tabernas e estalagens onde comiam e dormiam.

— Dei-lhe ternura e gentileza, respeito e lealdade — cantarolou Lyrra —, com amor lhe prometi. Essas são joias de verdade, essas são joias de verdade.

Era uma cantiga chamada: «As joias do amor». Os Fae conheciam-na como: «A elegia do amante», e muitos deles continuavam a chamar-lhe assim. Aiden passara a incluir na letra os versos adicionais que aprendera no verão anterior, ensinados por uma jovem bruxa que virara a perspectiva que tinham sobre o mundo de pernas para o ar e os deixara baralhados, com dificuldade em adaptarem-se a uma nova realidade.

Ari não tivera culpa disso. Não pedira aos Fae para se intrometerem na vida dela. Todavia, assim acontecera, e tinham descoberto muito mais do que esperavam através dessa intromissão.

Lyrra suspirou e pousou a escova na mesinha de cabeceira desnivelada. Fechou os olhos e deixou-se ficar sossegada. Se desse agora asas ao seu dom, procurando nas ruas da aldeia e nas quintas circundantes um espírito aberto, um coração sensível, o que inspiraria a Musa a essa pessoa? Um poema, uma peça de teatro, um conto? Poderia ser qualquer um deles, mas certamente um poema, uma peça de teatro, ou um conto sobre tristezas e remorsos, sentimentos que eram já sobejamente conhecidos dos habitantes daquela região. Quando Aiden cantara a sua canção que era um aviso sobre o perigo dos Mantos Negros, Lyrra apercebera-se de como os rostos dos homens se haviam fechado, vira lágrimas e medo nos olhos das mulheres. A povoação onde se encontravam ainda não fora apresentada aos Inquisidores, mas as aldeias mais a leste haviam sofrido nas mãos deles. Dado o aviso, a Musa e o Bardo tinham-se limitado a cantigas cómicas e histórias românticas, temas que animassem a alma, ou enternecessem o coração.

Não tendo nada para oferecer que pudesse dar ânimo aos aldeões, guardou o seu dom para si própria, mas isso entristeceu-a e interrogou-se se não seria melhor inspirar uma história cheia de tristeza, do que não inspirar história nenhuma.

Afastou de si essas ideias assim que ouviu o som de passos no corredor. Quando a porta se abriu, já estava preparada para esboçar um sorriso de boas-vindas.

Esse sorriso desvaneceu-se assim que um homem de cabelos morenos e olhos azuis entrou no quarto. Trazia o estojo onde guardava a harpa ao ombro, preso por uma alça. Trazia uma caneca fumegante numa mão, um pires com duas fatias de pão com manteiga e um pedaço de bolo na outra.

— Lembrei-me que talvez te soubesse bem um chá e qualquer coisa para roer — explicou Aiden, fechando a porta com um pé, antes de dar mais um, dois passos e se abeirar da cama, para lhe oferecer o que trouxera.

Ao pegar na chávena e no prato, achou que ele parecia cansado. Na verdade estavam ambos desgastados, embora estivessem a viajar juntos há poucas semanas, desde que o Bardo voltara a Brightwood para saber por que motivo ainda não se fora juntar a ele, como estava previsto. Aiden, por

seu turno, andava em viagem desde o verão anterior, parando para cantar em várias aldeias para avisar os habitantes sobre o perigo dos Mantos Negros, os Inquisidores; subindo as estradas resplandcentes para explicar aos Fae que as bruxas que moravam nos Lugares Antigos descendiam da Casa de Gaian, que era por causa de algumas delas terem sido assassinadas pelos Inquisidores que partes de Tir Alainn haviam deixado de existir. Era fisicamente cansativo permanecer no mundo dos humanos e viajar todos os dias de terra em terra, a cantar cantigas e a contar histórias. Era emocionalmente desgastante passar através do Véu que separava esse universo de Tir Alainn para visitarem os Fae e se verem confrontados com a teimosia evidente nos seus rostos, para ouvirem os comentários escarninhos com que reagiam quando tentavam convencê-los de que as bruxas precisavam da sua proteção.

— Bebe o chá, antes que arrefeça — disse o Bardo. Foi trancar a porta e de seguida atravessou a divisão para ir depositar a harpa, com cuidado, junto da mesa e das duas cadeiras que se encontravam ao pé da janela. Despiu-se de costas para Lyrra e só se desfez da camisa depois de se ter deitado ao lado dela e de ter puxado as cobertas para se tapar da cintura para baixo.

Perturbada com aquele pudor inaudito, a Musa bebeu um gole de chá e comeu uma fatia de pão com manteiga. Há muitos anos que eram amantes ocasionais, juntando-se sempre que estavam de visita ao mesmo clã em Tir Alainn e quando faziam pequenas incursões em Sylvalan. Nessas alturas ele era atrevido, arrogante, mostrava-se seguro de que não seria rejeitado. Nunca pensara duas vezes antes de se despir à frente dela.

Passou-lhe a chávena, para partilharem o chá e insistiu que Aiden comesse o resto do pão e metade do bolo. Tinha fome suficiente para comer tudo sozinha, mas ele também, apesar da refeição abundante que fizera parte do pagamento pela atuação musical. Tinham comido demasiadas refeições frugais no passado recente.

Quando acabaram, ela poisou a chávena e o prato na mesinha de cabeceira, junto da escova e da vela que acendera quando chegara ao quarto, e decidiu que era altura de descobrir o que o andava a atormentar ultimamente. Não seria apenas o desaparecimento de outro pedaço de Tir Alainn, tão-pouco a morte de mais uma Filha da Casa de Gaian.

— O que te anda a preocupar de há uns dias para cá, Aiden?

O Bardo despiu a camisa, atirou-a para cima de uma das cadeiras e deitou-se de barriga para cima. Apoiou a cabeça num braço e pousou o outro sobre o ventre.

— O que é que não me preocupa nos dias que correm? Passei quase um ano a falar e a falar, mas ninguém me deu ouvidos. Os Lugares Antigos continuam expostos e as bruxas desprotegidas; os Fae mantêm-se

sobranceiros, em Tir Alainn, convictos de que tudo continuará a ser como foi durante muito tempo, sem fazerem qualquer esforço para que assim aconteça. As ideias e os ódios que os Inquisidores trouxeram de Wolfram no ano passado ainda não foram apagados das almas e dos corações do povo. Muito pelo contrário. Estão a disseminar-se, vão-se infiltrando, gradualmente, em várias regiões de Sylvalan. O discurso deles continua a envenenar os homens, continua a virá-los contra a Mãe Universal, as mulheres em geral, e as bruxas em particular.

— Já sabemos disso há muitos meses — replicou, com ternura —, mas agora passa-se mais qualquer coisa.

— Não é nada.

— Pois — atirou, seca —, e os porcos sabem voar.

Aiden deixou escapar o que pareceu uma sombra dos seus sorrisos de antigamente.

— É possível que saibam, nalguma terra longínqua, do outro lado do oceano.

A Musa irritou-se, reconhecendo que o comentário dele a magoara mais do que ferira o seu orgulho. Fizera-lhe uma pergunta séria e, ao fazê-la, oferecera-se para partilhar daquilo que o atormentava, mas Aiden rejeitara esse gesto como se de nada se tratasse. Muito bem...

Inclinou-se para apagar a vela e o Bardo disse:

— Um homem fica desgastado quando o medo o acompanha diariamente.

Voltou-se para ele.

— Tens medo de te cruzares com os Inquisidores?

— Não, tenho medo de que se cruzem contigo.

Lyrra ficou sem palavras. O prazer de perceber que ele se preocupava consigo alegrou-a. O medo daquilo que constava que os Inquisidores faziam às mulheres acusadas de bruxaria revolveu-lhe as entranhas e deixava-a algo nervosa.

— No final do verão passado fiz meio dia de viagem para visitar um clã a leste daqui — disse Aiden, sem olhar para ela. — Não ligaram aos meus avisos. Viviam duas bruxas numa cabana no Lugar Antigo que ligava o território desse clã ao mundo dos humanos e os Fae não me deram ouvidos quando lhes expliquei o perigo que se infiltrou em Sylvalan com a chegada dos Inquisidores. Quando voltei nesta direção, a caminho de Brightwood, vi homens a abaterem árvores no Lugar Antigo. As bruxas tinham desaparecido e a estrada resplandecente também... juntamente com mais um pedaço de Tir Alainn.

«Lembrei-me de ti, Lyrra. Se tivesses saído de Brightwood para te encontrares comigo, como estava previsto, talvez tivesses parado para descan-

sar na casa desse clã. Se o tivesses feito em má altura, talvez tivesses desaparecido, juntamente com os Fae que lá moravam e eu não poderia ter feito nada para evitar isso.»

— Outra que tivesse o dom da narrativa teria ocupado o meu lugar como Musa — murmurou.

— Mas não serias tu — replicou, em voz baixa. Inspirou e, lentamente, deixou o ar sair dos pulmões. — Poucos dias antes de ter chegado a Brightwood, passei por uma aldeia, vi uma menina com cabelos ruivos e pensei que... pensei que, se tivesses uma filha, seria como ela: uma ruivinha amorosa, com um sorriso doce, que ficaria mais atrevida com o passar dos anos. — Engoliu em seco, com esforço, e os músculos da sua garganta ficaram salientes. — Pensei que, se fosse o pai da tua filha, não ficaria satisfeito por saber que os homens da tua família te ajudariam a criá-la. Teria vontade de ser eu a embalá-la à noite, a ensinar-lhe canções, a dar-lhe um beijo quando arranhasse um cotovelo ou esfolasse um joelho. Teria vontade de ser o pai dela e não apenas o homem que a gerou.

— Os Fae não vivem assim — respondeu. Sentiu um ardor nos olhos, lágrimas que ameaçavam sair, sem que percebesse porque tinha vontade de chorar.

— Admito que não, mas é possível que o modo de vida tradicional dos Fae não sirva para todo o nosso povo — atirou, com alguma violência.

— Temos razões para vivermos como vivemos — afirmou, apercebendo-se de que a sua própria voz ganhava contundência. — A mais importante de todas é o facto de os machos da nossa raça serem incapazes de se contentar com uma só amante.

Fez-se silêncio.

— Não passei por tantas camas quanto possas pensar — esclareceu, virando-se para ela. — E voltei sempre à tua.

— Para dançares com a Musa.

— Para estar contigo, Lyrra. Além disso, também não passaste sem amantes quando eu estava ausente — atirou, omitindo a interrogação que os seus olhos denunciavam.

— Eu... — Passava-se ali qualquer coisa, uma tensão entre um homem e uma mulher, não entre o Bardo e a Musa. — Não me deitei com tantos homens quanto possas pensar.

Aiden começou a cantar:

— Dei-lhe ternura e gentileza, respeito e lealdade; com amor lhe prometi...

— ... essas são joias de verdade — continuou ela, no mesmo tom, perturbada a ponto de ter tonturas.

— Isso seria o suficiente para ti? — perguntou, num tom estranho,

com um esforço perceptível na voz. — Serias feliz se te oferecesse isso todos os dias?

— Seria uma dádiva preciosa — murmurou —, de valor inestimável.

Baixou a cabeça, de modo que os seus cabelos caíssem para a frente e lhe escondessem o rosto. O seu coração palpitou a um ritmo estranho. Sentiu-se incapaz de sorver ar quanto bastasse para fazer uma respiração normal. Sentiu-se como se Aiden lhe estivesse a acenar com um tesouro que cobiçava, mas não conseguia alcançar.

— Seria o suficiente para aceitares um só homem como teu amigo e teu amante? Como... um companheiro para toda a vida?

Afastou os cabelos do rosto e olhou-o com atenção, pasmada com a insegurança que lhe descortinou nos olhos.

— Estás a perguntar-me se estaria disposta a aceitar-te como meu único companheiro? Como... — Qual era o nome que os humanos davam a isso? Conhecia o termo tão bem como conhecia o seu próprio nome, mas, de momento, nenhum dos dois lhe ocorria.

— Como marido — replicou ele, em voz baixa. — Sim, é isso o que te estou a perguntar.

As lágrimas fizeram com que os olhos lhe ardessem. Escondeu a boca com uma mão, sem saber se havia de rir, se havia de chorar. Sentia-se dividida entre demasiadas emoções contraditórias.

Afastou a mão dos lábios, pousou-a no pescoço e sentiu as pulsações do coração desenfreado.

— Os outros Fae diriam que nos deixámos contagiar por termos passado tanto tempo com os humanos.

— Estamos a falar da nossa vida e de uma escolha que só nós temos direito a fazer — afirmou, sentando-se para poder olhá-la nos olhos. — Preocupa-te sinceramente aquilo que os outros Fae possam dizer, ou pensar?

Lyrra abanou a cabeça e estendeu os braços para ele.

Puxou-a para perto de si e apertou-a com força.

— Sim — segredou-lhe a Musa. — Aceito as joias que me ofereces e ofereço-tas também. Aceito-te como amigo, como amante e como marido.

Quando Aiden tentou beijá-la, encostou a cabeça ao ombro dele e começou a chorar.

— Lyrra — reagiu, preocupado. Sentou-a ao seu colo e embalou-a. — Porque choras? Se desejas isto tanto como eu, porque estás a chorar?

Esforçou-se por conter as lágrimas, pois impediam-na de falar.

— Quando estive em Brightwood, no inverno, li os diários que as mulheres da família da Ari deixaram. Era isto o que elas queriam. Foi isto o que tiveram, a dada altura, e era o que queriam voltar a ter. A Ari nunca teria tido isto com o Lucian. Só estive com ela uma vez, mas gostei de a conhecer.

Acho muito injusto que, por nos termos conhecido, eu tenha conseguido o que o meu coração desejava e ela... — soluçou — ... ela só teve direito ao carinho que a Morag tem para com as almas que leva até ao Véu Oculto.

Aiden embalou-a um pouco mais. A tempestade de emoções que a fustigara começava a dissipar-se, deixando-a sem forças, exausta. Consolada pelo movimento que os braços mornos do Bardo lhe transmitiam, começou a deixar-se levar pelo sono.

— Todos nós temos segredos — disse ele, em voz baixa. — Coisas que sabemos e que, por qualquer motivo, não partilhamos com ninguém. Temos direito a guardar certos pensamentos só para nós. Dito isso, reparei que, entre os humanos, um pensamento partilhado entre marido e mulher não costuma ser considerado uma inconfidência.

— Isso faz parte do amor — respondeu-lhe.

Ele inspirou fundo e soltou, lentamente, o ar dos pulmões.

— Às vezes as palavras mentem, mesmo quando dizem a verdade, Lyrra.

— Estou ciente disso — replicou, irritadiça. — Afinal de contas, sou a Musa.

— A Ari desapareceu.

Sentiu uma vez mais o ardor de lágrimas nos olhos. Aiden escusava de constatar o que era óbvio. Não era disso que falavam ainda há pouco? Ari fora apanhada pelos Inquisidores e Morag dissera a Dianna e a Lucian que...

Endireitou-se devagar.

«Às vezes as palavras mentem, mesmo quando dizem a verdade.»

— A Ari desapareceu — repetiu, atenta ao olhar de Aiden, vendo a mensagem que os seus olhos transmitiam sem que os lábios a pronunciassem: havia algo nas palavras que ele dissera em que Lyrra tinha de atentar. Nas últimas semanas, tinham aprendido a trocar tais mensagens silenciosas enquanto cantavam, contavam contos, e a interpretar aquilo que os aldeões e os agricultores diziam... ou omitiam.

— A Morag disse à Dianna e ao Lucian que a Ari tinha desaparecido — prosseguiu, pensando sobre verdades e mentiras. — Como a Morag é a Ceifeira, presumiram que a rapariga tinha morrido. Mas ela nunca o disse explicitamente. Limitou-se a comunicar que a Ari tinha desaparecido.

— Exatamente — confirmou Aiden —, disse isso e apenas isso.

Lyrra pôs-se a pensar e abanou a cabeça.

— Realmente, a Morag levou duas almas até ao Oculto.

— Pois levou.

— Nesse caso... — replicou, mas calou-se. Ahern, o Senhor dos Cavalos, morrera no confronto com os Inquisidores, quando estes apareceram

em Ridgeley e em Brightwood no verão anterior. Estaria mais alguém em Brightwood na altura? Alguém que não fosse Fae, mas de cuja presença Morag se tivesse apercebido? — O que aconteceu ao jovem com quem a Ari se ia casar? Como se chamava ele? Neall. Era isso. A Morag comentou que ele tinha... desaparecido.

— Deu-lhe ternura e gentileza, respeito e lealdade — cantou Aiden, em voz baixa.

Incapaz de estar quieta, Lyrra saltou da cama e pôs-se a andar de um lado para o outro na divisão apertada.

«Tu és a Musa e ele é o Bardo. Espera que percebas aquilo que te quer dizer. Tal como a Morag contou que ele fosse capaz de compreender aquilo que não verbalizou.»

Aiden visitara a Ceifeira uma última vez, antes de ela ter partido da quinta de Ahern. Porque lhe teria ela dito o que quer que fosse? Porque ele chorara a morte de Ari e o desaparecimento de uma Filha da Casa de Gaian.

— Afastou-a deles — atirou Lyrra, mais para ouvir as suas próprias palavras, do que para Aiden as escutar. — De alguma maneira, o Neall conseguiu afastar a Ari dos Inquisidores e, mais tarde, afastou-a também de Brightwood. — Apertou as faces com as mãos. — Se o Lucífero e a Caçadora alguma vez descobrirem que a última bruxa de Brightwood sobreviveu...

— Insistirão em procurá-la até a localizarem e tornarem a levar para lá, quer ela queira, quer não — replicou o Bardo. — A Dianna levá-la-ia para lá de modo a não ter de permanecer no mundo dos humanos, para não ter de sustentar a estrada resplandecente entre os dois universos e manter intacto o seu pedaço de Tir Alainn. O Lucian levá-la-ia para ser sua amante, porque a perdeu antes de se fartar dela e porque o seu orgulho não aguentaria a verdade, não seria capaz de suportar o facto de ela ter escolhido um ser humano em vez dele. — Fez um intervalo e acrescentou: — Mas são meras suposições. A Morag disse que a Ari tinha desaparecido e a Ceifeira estará melhor informada do que qualquer um de nós sobre esse assunto.

— Que a Mãe nos proteja. — Lyrra sentou-se na borda da cama. — Esperemos que nunca se apercebam de que interpretaram mal as palavras da Morag. — Então, voltou-se para ele e dedicou-lhe um sorriso radiante. — A Ari desapareceu. Não é maravilhoso?

Retribuindo o sorriso, estendeu-lhe uma mão. Quando ela a aceitou, puxou-a para perto de si e deitou-se na cama, debaixo dela.

Fez-lhe uma festa nos cabelos e disse-lhe:

— Quando os humanos se casam, dizem certas palavras e cumprem determinados rituais para confirmarem o compromisso. Dissemos as pala-

vas que tínhamos para dizer, portanto já só falta um ritual para celebrarmos o casamento.

Deitou-lhe um olhar divertido e pleno de desejo.

Lyrra beijou-o com ternura e meneou o corpo para que Aiden reagisse dando uma resposta à altura.

— Safada — respondeu, enlaçando-a.

— Não sou nada! — Calou-se e acrescentou: — Bem... às vezes sou.

Rebolaram, às gargalhadas, até ficar por baixo dele.

— Vamos, minha esposa. Está na hora de consumarmos o casamento.

Dessa vez, quando se entregaram um ao outro, entregaram muito mais do que os seus corpos.

Aiden fixou o olhar no teto. Lyrra dormia placidamente a seu lado.

De facto, os maridos e as mulheres guardavam segredos, mas havia segredos que tinha de contar à sua esposa, para a proteger. Se lhe acontecesse alguma coisa, era importante que ela soubesse para onde podia fugir, e quais os locais que devia evitar a todo o custo. As mulheres já não podiam viajar em segurança perto da fronteira oriental. Havia sítios onde simplesmente não era seguro ser-se mulher, agora que os Inquisidores tinham vindo para Sylvalan e haviam, de algum modo, conseguido convencer os barões do oriente e, através destes, outros homens, de que elas eram seres inferiores, isentos de qualquer valor, que não serviam para nada exceto para lhes proporcionarem conforto no lar, sexo, e descendentes.

Voltou-se na cama e encostou-se a Lyrra, carente daquela proximidade.

No ano anterior, sentira falta dela com uma intensidade que lhe doía e embora tivesse, por vezes, ficado preocupado com a possibilidade de os Inquisidores voltarem a aparecer em Brightwood, dera graças por ela não ter saído de lá, isso até ter regressado ao local para visitá-la e ter constatado que a Musa não ficara ali de sua livre e espontânea vontade. Nessa altura, descarregara a raiva e a frustração que o seu povo lhe suscitava em Dianna, a Senhora da Lua, a Caçadora, soberana dos Fae. Ela e Lyrra eram as únicas representantes do seu povo em Brightwood que tinham poder suficiente para alimentarem a magia do Lugar Antigo e, com a ajuda de outros Fae, manterem aberta a estrada resplandecente para Tir Alainn.

No verão, depois de parte do clã ter descido ao universo dos humanos, Dianna pedira à Musa que ficasse mais alguns dias no local, enquanto ela ia a Tir Alainn, para resolver alguns assuntos pendentes, antes de se fixar na cabana que pertencera à família de Ari. Dianna regressara a Tir Alainn e ficara lá, deixando poucas alternativas a Lyrra: permanecer em Brightwood

para manter aberta a estrada resplandecente, ou partir e pôr todo um clã em risco.

A Musa só a avisara, através de outro Fae, de que se ia embora, depois de Aiden ter regressado ao local. Essa mensagem fizera com que Dianna voltasse a Brightwood. Lyrra recusava-se a contar-lhe o que tinham discutido antes das despedidas, mas o Bardo calculava que essa conversa não fora agradável. Além disso, a frieza e a formalidade com que eram recebidos sempre que percorriam uma estrada resplandecente para visitarem a casa de um clã em Tir Alainn, sugeria que Dianna andara a dizer a todos quantos lhe dessem ouvidos que estava indignada por ter de permanecer no universo dos humanos. Aiden e Lyrra eram acusados de terem colocado o clã da Caçadora em perigo e de a terem obrigado a viver «desterrada» em Brightwood.

O facto de nenhuma Senhora da Lua de outro clã se ter oferecido para ir ao local, com o objetivo de alimentar a magia do Lugar Antigo, dizia muito. Talvez fosse manifestação do egoísmo natural da maioria dos Fae, ou talvez fosse sinal de que, embora estivessem dispostos a condenar Lyrra pela decisão que tomara, não tinham confiança suficiente em Dianna para lhe oferecerem ajuda depois de ter faltado à promessa que fizera à Musa.

O Bardo podia combater a frieza dos Clãs com palavras mordazes, mas não tinha condições para combater o que estava a suceder-se em Sylvalan. O que vira em algumas das aldeias que visitara no verão e no outono arrepiara-o: mulheres obrigadas a usarem algo a que chamavam freio, objeto que as impedia de falarem; uma mulher a ser vergastada na praça pública, enquanto os homens que assistiam ao castigo não sabiam o que ela tinha feito para merecer tal agressão, afirmando apenas que era necessário ensinar as mulheres a serem recatadas e bem comportadas.

Como se isso não bastasse, no inverno, algo mais viera de Wolfram, na outra margem do rio, algo que inquietava tanto os homens que não comentavam o assunto. Algo que os barões orientais tinham começado a mandar fazer para garantirem que as mulheres se mantinham naquele que, atualmente, era considerado o seu lugar na sociedade. Tratava-se de uma «intervenção», como lhe chamavam os homens, à boca pequena, para livrar as mulheres de sentimentos perversos.

Aiden estremeceu e aproximou-se mais de Lyrra.

Não conseguira descobrir que novo perigo era esse, mas o medo que lhe inspirava fora um dos motivos pelos quais arrancara a galope para Brightwood.

O mal que chegara a certas povoações de Sylvalan estava a disseminar-se. Até numa aldeia como aquela em que se encontrava, onde não parecia passar-se nada de invulgar, se sentia inquieto, ainda mais agora que a sua vontade de proteger Lyrra se sobrepunha ao seu desejo de sobreviver.

No dia seguinte partiriam para aldeias mais próximas da Serra da Mãe, lugares mais afastados da fronteira oriental de Sylvalan. Talvez passassem por um Lugar Antigo e enveredassem pela estrada resplandecente para Tir Alainn, onde poderiam descansar durante alguns dias. Tentariam, uma vez mais, convencer os Fae de que o universo dos humanos já não era sítio que pudessem ignorar, exceto quando lhes apetecia visitá-lo para se divertirem.

Se não atuassem depressa, para protegerem as bruxas e ajudarem os humanos a defender-se do que os Inquisidores estavam a fazer em Sylvalan, entre homens, bruxas, o Povo Menor que morava nos Lugares Antigos e os Fae, ninguém sobreviveria.

CAPÍTULO DOIS

À porta da saleta onde o sol batia de manhã, Liam alisou os seus cabelos castanho-escuros e conteve o impulso de limpar rapidamente as biqueiras das botas com as pernas das calças. A sua mãe sabia que já estivera a trabalhar na rua, marcara encontro com o filho para a hora em que este costumava passar por casa, para tratar das contas, ver a correspondência e, nos últimos tempos, responder às mensagens de condolências em folhas orladas de negro que continuava a receber. Não esperaria que a aparência do filho destoasse de quem ele era: um homem que trabalhava nas terras que lhe pertenciam e cuidava dos seus empregados. O facto de ser o novo Barão de Willowsbrook não fazia diferença nenhuma. Há vinte anos que percorria aqueles terrenos a cavalo, começara a visitar as quintas dos rendeiros com o seu estimado alazão pouco depois do seu sétimo aniversário. A mãe não o censuraria por aparecer vestido com roupa ligeiramente transpirada e malcheirosa.

Talvez tenha sido por saber que não criticaria o seu aspeto que teve vontade de correr pela escada abaixo para ir vestir uma camisa lavada, antes de entrar naquela divisão bem iluminada, feminina e serena.

Bateu ao de leve na porta com os nós dos dedos e entrou. A sua mãe, Elinore, encontrava-se diante da porta de vidro que dava para uma pequena varanda, decerto entretida a ver os passarinhos que se reuniam para beberem e se lavarem na bacia de pedra que, todos os dias, de manhã, era limpa e abastecida de água fresca. O sol arrancava reflexos prateados aos fios grisalhos que despontavam por entre os seus cabelos acastanhados. Era uma mulher baixa, magra, com uma força interior que resistira a todas as tempestades emocionais que haviam marcado a sua vida de casada.

Talvez Liam tivesse herdado algumas características do pai: os cabelos escuros, o rosto suficientemente belo para atrair olhares das mulheres, a estatura ligeiramente acima da média; mas dava graças por ter herdado os olhos da mãe, cor de avelã, olhos que pareciam florestas, como ela costumava dizer, castanho-esverdeados. Às vezes interrogava-se se, ao olhar para o filho, Elinore veria apenas uma versão mais jovem do pai dele. Pelo menos, quando o olhava nos olhos, devia reconhecer que também havia algo dela em Liam.

— Bom dia, Mãe — disse ao entrar. Olhou de soslaio para a bandeja que estava na mesa junto ao sofá e ficou imediatamente preocupado. O chá,

as sanduíches feitas com finas fatias de pão e os bolos não eram acompanhamento invulgar para uma conversa matinal, mas a garrafa de uísque não devia estar ali. Elinore era contra o consumo de bebidas muito alcoólicas, particularmente tão cedo. O facto de ter mandado pôr ali a garrafa sugeria que, na opinião dela, um dos dois poderia vir a precisar de beber algo mais forte do que chá para aguentar a troca de palavras.

Elinore voltou-se de costas para a janela e esboçou um sorriso hesitante.

— Bom dia, Liam. Obrigada por teres tirado tempo para falar comigo.

O filho sentiu-se dominado por calores, sinal evidente de que começava a perder o sangue-frio. Esforçando-se por manter um tom de voz calmo, respondeu-lhe:

— Ora essa. És minha mãe. O facto de eu ser barão não muda isso.

Pelo menos, esperava que não mudasse.

— Tens razão, mas... faz alguma diferença. — Aproximou-se do sofá, instalou-se e dedicou-lhe novo sorriso hesitante. — Senta-te, por favor. Tenho umas coisas para te dizer.

Relutante, sentou-se na outra ponta do sofá. Então, ocorreu-lhe algo que fez com que se inclinasse para ela, tenso.

— Está tudo bem com a Brooke, não está?

— Com a Brooke?

A expressão surpreendida do olhar de Elinore, que deu lugar a um ar divertido, fez com que o filho se descontraísse, aliviado. A irmã dele, com dez anos de idade, era uma menina adorável, mas tendia a meter-se em apuros.

— A Brooke está inteira — garantiu Elinore, servindo chá para os dois. — Ficou um bocadinho amuada, porque está um dia bonito lá fora e ela tem de ficar enfiada em casa, a fazer os trabalhos da escola, em vez de ir brincar com o pônei novo que determinado fulano lhe ofereceu nos anos.

Liam aceitou a chávena que a mãe lhe ofereceu e deitou-lhe um olhar malicioso:

— Se bem me lembro, determinada pessoa deu dinheiro ao tal fulano com instruções para comprar arreios novos para o dito pônei.

— É disso que te lembras? — perguntou-lhe, num tom inocente. — Também te lembras de o fulano em causa ter dito à Brooke que, hoje de manhã, podia deixar os trabalhos por fazer e ir passear com o cavalo, para o pônei não se faltar de ficar preso no cercado?

Liam engasgou-se com o chá que acabara de beber.

— Eu disse-lhe que talvez pudessemos ir dar uma volta. Depois do almoço.

— «Talvez» quer dizer que «podem».

— Desde quando?

Limitou-se a olhar o filho fixamente até este ter vontade de se encolher. A maior dificuldade que tinha em discutir com a mãe, mesmo que na brincadeira, era essa. Conhecia-o demasiado bem e recordava-se demasiado bem da sua infância.

— Depois do almoço, se ela tiver feito os trabalhos todos, levo-a a passear e vamos treinar o pônei — afirmou Liam.

— Ouvir-vos debater sobre a definição de «feitos» deve ser muito divertido — comentou, impávida e serena.

— Eu...

Liam recostou-se, sentindo-se também algo amuado. Era um caso perdido. Brooke era a sua irmã mais nova. A sua maninha. Liam estava longe, no colégio interno, quando ela nascera e só guardava memórias soltas dos primeiros anos de vida da menina: um bebé que se babava e ria muito quando ele fazia caretas; uma criança que aprendera a gatinhar no intervalo entre duas idas do irmão a casa e que, uma vez, o deixara em pânico quando a pousara no tapete, voltara as costas por aquilo que jurava a pés juntos ter sido apenas um minuto e não dera pelo desaparecimento dela; uma menina sorridente que corria no jardim, tão depressa quanto as suas pernas rechonchudas lhe permitiam correr; uma rapariga inteligente que falava pelos cotovelos, tanto que lhe dera a alcunha de Esquilinho; uma pequena que se tornava medrosa e introvertida sempre que o pai estava por perto.

Como chefe da família, Liam fazia tudo por se mostrar exigente e obrigá-la a acabar os trabalhos todos, mas assim que o olhasse com aqueles seus olhos grandes e azuis, haveria de ceder. Lembrava-se bem da angústia que sentia quando ficava preso em casa, a fazer contas, quando a terra chamava por ele.

Elinore bebeu um gole de chá e, sem olhar para o filho, perguntou-lhe:

— Hipotecaste alguma propriedade?

Não se surpreendeu por ela saber que o seu pai tinha a intenção de contrair um empréstimo hipotecário. Decerto o antigo barão, cruel, ter-se-ia regozijado quando lhe contara que pretendia espremer todo o dinheiro que pudesse dos seus terrenos.

Quando o homem que geria os negócios do pai esmiuçara as contas com Liam, mostrara-se horrorizado com a quantidade de dinheiro que o barão pretendia espremer de propriedades que estavam já em perigo de se tornarem insustentáveis. Ficara obscenamente grato quando o velho morrera engasgado, a jantar com a sua amante mais recente, antes de ter assinado os papéis relevantes.

— Hipotequei — respondeu-lhe, bebendo o resto do chá de uma só vez. — Pedi um pequeno empréstimo.

Precisava de dinheiro suficiente para saldar as dívidas que o pai contraíra junto de vários comerciantes e ainda ficar com algum que lhe permitisse honrar os seus próprios compromissos durante mais um ou dois anos. Elinore financiara-o generosamente com pagamentos trimestrais desde que fora para o colégio interno e ficara grato por isso, mas agora as propriedades eram suas e não queria viver dos rendimentos da mãe. Com os devidos cuidados e gestão responsável, a exploração das propriedades deveria proporcionar uma vida confortável a Liam e à sua família.

— Compreendo. — Elinore pousou a chávena no pires e uma mão sobre a outra, no seu regaço. Fixou o olhar na porta para a varanda. — Proponho-te o mesmo acordo que fiz com o teu pai.

«Não me trates como se eu tivesse ficado igual a ele só por ter herdado o seu título», pensou, furioso.

— Posso pagar os vencimentos dos empregados e as despesas da casa — prosseguiu ela, ainda a olhar para a porta da varanda. — Além disso, posso ajudar-te a pagar quaisquer contas relacionadas com a manutenção das casas dos rendeiros. Só me recuso a pagar a manutenção da casa em Durham e quaisquer despesas do foro... particular... que possas vir a ter.

Queria com isso dizer que, se Liam arranjasse alguma amante, como fizera o seu pai, teria de pagar por essa diversão do seu próprio bolso. Não que achasse possível divertir-se com uma mercenária como aquela com quem o antigo barão andava a dormir antes de ter falecido. Por outro lado, não podia levar-lhe a mal o espírito mercenário. Era sinal de que conhecia melhor o velho do que as outras com quem este se divertira.

— É uma proposta generosa — disse o filho. Custava-lhe sentir-se na necessidade de aceitá-la, mas era suficientemente pragmático para perceber que precisaria de alguns anos para recuperar a rentabilidade das propriedades a ponto de ser ele a assumir todas as despesas. — Fico agradecido.

— O teu pai não a achou generosa.

— Eu e o meu pai raramente estávamos de acordo — reagiu Liam, ríspido. — O teu pai permitiu-te ter rendimentos próprios para teu benefício, não para benefício do meu nem para benefício da família. Sempre tiveste e continuas a ter todo o direito a fazer com eles o que entenderes. Willowsbrook devia ser perfeitamente autossustentável. Só não é por causa do meu pai e do pai dele, e não por tua culpa.

Ao fim de um longo intervalo, Elinore perguntou-lhe:

— Queres mais chá?

O que lhe apetecia era um copo bem cheio de uísque, mas tinha a impressão de que ela ainda mal aflorara o que tinha para discutir com o filho.

— Sim, se faz favor — aceitou, estendendo-lhe a chávena. Esperou até a mãe ter voltado a atestar as chávenas de ambos. — Importas-te que eu venda a casa de Durham?

— Essa propriedade, tal como todas as outras, agora é tua. Podes fazer dela o que quiseres.

— Importas-te? — insistiu.

Quando se voltou para ele, viu uma amargura nos olhos da mãe que esta nunca antes deixara transparecer.

— Não há nada nessa casa que eu estime.

Não, era natural que não houvesse, tendo em conta que as amantes do pai dele tinham passado lá mais tempo do que Elinore. Nesse caso, era um fardo e uma despesa dos quais podia livrar-se sem qualquer dificuldade. Escreveria uma carta para o gestor dos negócios da família e daria início ao processo de venda da casa e do respetivo recheio.

— A casa não te fará falta quando tiveres afazeres na cidade? — perguntou-lhe a mãe.

Liam abanou a cabeça na negativa.

— Terei toda a facilidade em encontrar quartos para arrendar nas duas alturas do ano em que os barões se reúnem oficialmente.

Sentiu que se acumulava uma pressão dentro de si e cerrou os dentes, para não deixar escapar as palavras que há tantos anos se esforçava por conter. Talvez por a conversa lhe estar a ser difícil, não foi capaz de continuar a guardá-las para si.

— Porque não o deixaste? Era um canalha e merecias um homem muito melhor do que ele. O adultério é razão legítima para a dissolução do casamento. Tinhas rendimentos próprios e nunca dependeste dele. Porque te deixaste ficar?

— Por três motivos — respondeu-lhe, em voz baixa. — Tu, a Brooke, e Willowsbrook.

Houve algo no modo como ela disse «Willowsbrook» que lhe deu a sensação de que não se referia apenas à propriedade homónima.

— Agora és tu o barão. Tens autoridade e poder, não só sobre as nossas propriedades e as quintas dos rendeiros, mas também sobre os aldeões e os proprietários independentes. Podes usar essa autoridade e esse poder para o bem, ou para o mal.

— Estou ciente disso.

— Servirás de exemplo para todos os outros que aqui moram.

Liam expeliu ar pelo nariz.

— Felizmente, o meu pai não serviu de exemplo para ninguém.

— Se ele tivesse dado ordens em determinado sentido, teriam sido acatadas. Os fidalgos e os magistrados de cada aldeia ter-se-iam encarregado de as fazer cumprir.

Liam poisou uma mão, suavemente, sobre as mãos da sua mãe.

— Ainda assim, tinha de respeitar os decretos emitidos pelo conselho dos barões para bem de Sylvalan.

— Os barões têm autoridade para alterarem os decretos e redigirem novas leis, independentemente dos desejos do povo de Sylvalan. Além do mais, um barão pode impor a sua vontade aos habitantes da região que está a seu cargo, sejam quais forem as leis vigentes no país.

Parecia pálida e infeliz, e Liam não sabia o que pretendia dele.

— Como propões que utilize a minha autoridade e o meu poder? — perguntou-lhe, cauteloso.

— Proponho que os utilizes em prol das bruxas de Willowsbrook, o Lugar Antigo cujo nome foi escolhido para designar esta herdade há muitas gerações atrás, quando a família do teu pai se fixou aqui e começou a explorar esta terra.

Liam suspirou e recolheu a mão.

— Mãe...

— Tenho uma coisa para te contar — atalhou Elinore. — Um segredo que escondi do teu pai por causa de algo que ele me disse durante a lua de mel, mas que tenho de partilhar contigo. Tens de compreender.

— Tenho de compreender o quê?

Agitada, a mãe poisou a chávena na mesa e dirigiu-se para a porta da varanda. Demorou-se a contemplar o mundo do outro lado do vidro, como se precisasse daquela vista para ganhar força. Então, voltou-se para Liam.

— O meu trisavô era filho de uma bruxa — confessou, num sussurro. — Era o filho mais velho dela, mas os Lugares Antigos pertencem sempre às mulheres das famílias e ele queria uma terra que fosse sua. Quando era jovem, saiu de casa, com a bênção da sua mãe. Correu mundo durante muitos anos, aprendeu vários ofícios enquanto trabalhava para garantir o seu sustento e ter alguns trocos no bolso. Então, num dia, encontrou uma terra onde se quis fixar, portanto a mãe e a avó ajudaram-no a poupar dinheiro suficiente para comprar um terreno e construir uma casinha modesta.

«Tinha o condão de adivinhar os produtos que poderia obter de determinada terra e quais os terrenos que precisariam de tempo para se tornarem produtivos. Tinha jeito para o negócio e tinha jeito para lidar com pessoas. Tal como acontecia com as terras, pressentia aquilo que cada indivíduo lhe poderia dar, e o tempo que demoraria a preparar certas pessoas e projetos.

»Enriqueceu e aqueles com quem fez negócio enriqueceram também.

»Mais tarde, quando se casou, escolheu para esposa uma bruxa. Ti-

veram vários filhos e a família continuou a multiplicar-se. Nessa fase, já os seus negócios eram bastante lucrativos e construiu uma casa de campo enorme, descomunal.

»O seu primogénito dedicou-se ao negócio do pai, enquanto as vocações dos irmãos e das irmãs os levaram a ter percursos diferentes. Passado algum tempo, alguns destes apaixonaram-se, casaram-se e tiveram os seus próprios descendentes, que por sua vez tiveram filhos.

»Assim foi passando o tempo e, embora a família nunca tenha escondido os laços que a unem às bruxas que moram em muitos dos Lugares Antigos, também não os publicitou. À medida que as gerações se foram sucedendo, houve casais que se desligaram dos Lugares Antigos e os dons que transmitiram para os filhos foram perdendo intensidade, tendo, em alguns casos, desaparecido por completo.» Elinore fez um intervalo e abanou a cabeça. «Talvez não tenham desaparecido. A Nuala diz que os dons que a Mãe nos dá dormitam no nosso sangue, à espera de uma oportunidade para se manifestarem.» Esboçou um sorriso triste. «O nome que acabo de mencionar não te diz nada, pois não? Há muitos anos que é a nossa vizinha mais próxima e nem sabes de quem se trata.»

— Claro que sei — ripostou, arreliado. — É uma das bruxas.

Elinore voltou para o sofá e sentou-se, com uma mão sobre a outra no seu regaço. Suspirou e disse:

— Sim, é uma das bruxas. Além disso, é prima afastada do meu pai.

Não fazendo ideia da resposta que a mãe esperava da sua parte, Liam continuou a beber o seu chá, agora frio, para ganhar mais tempo. Dada a aversão que o seu pai tinha às bruxas do Lugar Antigo que fazia fronteira com a herdade, era compreensível que Elinore nunca tivesse comentado esse aspeto da história da família, mas...

— Tal como disseste, isso foi há muitas gerações — disse Liam, convencido de que estava preocupada com a possibilidade de ele se afastar dela. — Não há qualquer motivo para te envergonhares disso.

Elinore arregalou os olhos.

— Não tenho vergonha da minha linhagem. Se há coisa que lamento é o facto de o dom que a Mãe me deu seja tão fraco. — Ficou ligeiramente irritada. — Talvez o facto de o dom dos meus parentes mais próximos ser herdado do lado do pai explique o porquê de aparecer menos diluído no sangue dos homens da família. É certo que o meu irmão está mais ligado à água do que eu à terra.

Liam abriu a boca, mas voltou a fechá-la sem ter feito comentários. O que estava ela a tentar dizer-lhe? Que lamentava o facto de não ser bruxa? Porque haveria ela de querer ser como as outras?

— Mãe — começou, hesitante —, compreendo a tua preocupação

com as tais... mulheres... que vivem no Lugar Antigo, visto que são tuas parentes, mas, na verdade, são parentes afastadas.

— Em relação a mim, são — replicou Elinore —, mas não são tão afastadas de ti. — Inspirou fundo, soltou lentamente o ar dos pulmões e olhou o seu filho. — A feiticeira mais nova é tua irmã, filha ilegítima do teu pai. É quatro anos mais nova do que tu e vocês não são, de maneira nenhuma, parentes afastados. São muito próximos.

— Não!

Incapaz de continuar sentado, pôs-se a andar de um lado para o outro, em desassossego. Quando passou pela mesa, pegou na garrafa de vidro e despejou um pouco de uísque num copo, que bebeu de um só trago. Encheu-o com mais dois dedos, mas, dessa feita, conteve-se e não bebeu tudo de uma vez.

— Não — repetiu, continuando a andar para um lado e para o outro. — É-me tão chegada quanto qualquer outro filho ilegítimo que o meu pai tenha tido com as mulheres que seduziu. Sei que puseste dinheiro de parte para ajudares essas mulheres e os filhos delas a aprenderem ofícios que lhes permitam ganhar a vida, mas essa gente nunca foi reconhecida como parte da família.

— Realmente, não foi. — O olhar de Elinore desceu até às suas mãos. — Não me orgulho de não ter tido coragem para aceitar essas crianças, mas creio que se trata de uma falha compreensível. O caso da Keely é diferente. Só tinha catorze anos quando o teu pai dormiu com ela e o que lhe fez causou danos psicológicos que não passaram com o tempo. Tendo em conta os boatos e as histórias que começam a circular sobre as bruxas, temo que a tua irmã...

— Ela não é minha irmã!

— ... esteja mais exposta do que qualquer outra dessas crianças.

— Se tem menos quatro anos do que eu, terá agora vinte e três — disse Liam. — Já não é criança nenhuma.

— Não deixa por isso de precisar da tua proteção. — Elinore ergueu-se. — Todas elas precisam que as defendas. Vivem-se tempos difíceis a leste daqui. Passam-se coisas no oriente que põem em perigo todas as mulheres do mundo, não só as bruxas. A minha prima Moira...

— Ah, pois, a prima Moira — cuspiu Liam, com veneno, apercebendo-se de que adotara o mesmo tom de voz que o seu pai quando esse nome surgia em conversa.

— Sabias que as meninas da aldeia dela foram expulsas da escola no outono passado? O barão de Pickworth declarou que demasiada sabedoria faz mal às mulheres. Torna-as incapazes de cumprirem os deveres que beneficiam a família de um homem. É por isso que hoje só estão autorizadas

a aprender a ler, a escrever e a fazer contas com agilidade suficiente para tratarem da casa. De acordo com esses critérios, a Brooke já só devia aprender a fazer bordados e a escrever ementas, em vez de aprender a pensar pela sua própria cabeça.

— Interpretaste mal as palavras da Moira — insistiu Liam. — Ou isso, ou ela exagerou na descrição de uma medida razoável, tornando-a ridícula.

— Razoável? Achas razoável deixar-se as mulheres totalmente dependentes dos homens das suas famílias, sem qualquer preparação para serem autossuficientes? O que me dizes da viúva do senhor Kendall? Teria sido melhor se se tivesse tornado pouco mais do que uma pedinte depois da morte do marido, em vez de ter passado a gerir uma loja que lhe permite sustentar os filhos e ter boa qualidade de vida? Talvez devesse ter aceitado a companhia de qualquer homem que a pedisse em casamento, gostasse ou não dele, oferecendo-lhe o corpo a troco de comida e dormida para si e para as crianças. Isso não é razoável, Liam. Apenas reduz as mulheres a empregadas domésticas sem remuneração e prostitutas legalizadas.

— Como assim?

— Se uma mulher estiver sob o jugo do chefe da sua família até ser altura de se casar, fazendo tudo o que se impuser para ele ter um lar confortável e bem gerido, e depois do casamento for obrigada a abrir as pernas a troco de comida e dormida, como preferes designá-la?

Por momentos, Liam ficou sem palavras, espantado com o discurso cru da sua mãe.

— Qual é o mal de um homem zelar pela sua família? — acabou por perguntar-lhe. — Qual é o mal de decidir em nome das suas filhas, ou irmãs mais novas, quando são demasiado inexperientes para tomarem decisões acertadas por elas próprias?

Elinore soltou um suspiro.

— Nada disso está fundamentalmente errado, mas não me refiro a crianças. Refiro-me a mulheres adultas, independentes, tão capazes de pensar pelas suas próprias cabeças e de escolher como viver as suas vidas quanto qualquer homem neste mundo, mas que se veem hoje obrigadas a viver num estado de dependência comparável ao de uma criança. Não creio que comunidades unidas e saudáveis possam coexistir com essa forma de dependência forçada, mas neste caso, o sexo mais vulnerável é o meu. Como és homem, admito que tenhas uma perspetiva diferente sobre a situação.

Liam abanou a cabeça.

— Deves ter interpretado mal a situação.

— Não, compreendo perfeitamente o que está em jogo. Creio que os barões orientais já não se preocupam em ter comunidades saudáveis — replicou. — Não me parece que tenham interesse em nada, senão em domi-

narem as mulheres, a terra, a vida em geral. — Calou-se, antes de acrescentar, com amargura: — Dito isso, recuso-me a ficar no meu cantinho e a permitir que isso aconteça aqui.

— Nunca aconteceria tal coisa aqui, portanto o assunto não merece ser discutido — ripostou, furibundo, dando voltas e mais voltas à saleta.

— Achas que não? O teu pai ia emitir decretos nesse sentido, para proibir as raparigas de terem mais do que três anos de instrução académica. Também queria seguir o exemplo de alguns dos barões orientais e proibir mulheres de todas as idades de lerem textos que não contassem com a aprovação dos chefes de família. Além disso, teve todo o prazer em informar-me de que os barões estavam a estudar uma nova proposta de lei, que proibiria qualquer mulher de ser proprietária de terrenos, de gerir negócios, inclusive de ter rendimentos próprios.

— Mas isso implica que...

— Implica que o teu pai teria passado a controlar os meus rendimentos. Teria podido gastar o meu dinheiro a seu bel-prazer e eu nunca teria visto nem mais um cêntimo, exceto quando ele tivesse a generosidade de me ceder alguns trocos.

Liam abanou a cabeça. O seu pai insinuara ameaçadoramente que o mundo estava prestes a mudar, mas dessa maneira?

— Mesmo que ele não estivesse só a provocar-te, por pura malvadez — replicou Liam, lentamente —, isso não tem nada que ver com as bruxas.

— Tem tudo que ver com elas! — Elinore fez dois punhos cerrados. — Não percebes? Estes sarilhos têm todos a mesma origem. As bruxas foram as primeiras a serem destruídas no Leste. Assim que desapareceram, começaram a surgir outros problemas nas vidas das restantes mulheres. Entre matar uma classe de mulheres e escravizar as demais é um pulo.

— Sabes que isso é um disparate! — bradou Liam. — Porque estás a insistir nesse assunto?

— Porque tenho medo! — Elinore ficou de respiração cortada. Demorou vários segundos a dominar-se. — Tenho medo por mim própria, mas mais medo ainda pelo futuro da Brooke, porque não quero que ela viva aterrorizada pela possibilidade de qualquer ideia que tenha, qualquer comentário que faça, qualquer atitude que assuma, vir a ser usada por um homem como pretexto para maltratá-la. Se essas leis forem votadas, terá de conviver com o medo e a angústia para o resto da vida.

— Estás a fazer uma tempestade num copo de água, Mãe, e estou farto desta conversa.

Apercebendo-se de que continuava com o copo de uísque na mão, bebeu-o.

Elinore deu meia-volta e arrancou na direção da cesta que se encontrava junto à cadeira perto das janelas. Afastou os materiais de costura que ali guardava e resgatou algo do fundo do cesto, regressou em passos largos ao sofá e despejou dois objetos em cima das almofadas.

Liam demorou-se a olhar duas tiras de pele com fivelas metálicas, ligadas a algo que parecia uma língua de couro. Parecia uma espécie de arreio, mas, por mais que pensasse no assunto, não foi capaz de identificar a criatura à qual serviria.

— Isso é um freio — disse Elinore, incisiva e fria. — É uma ferramenta que serve para castigar as mulheres, para ensiná-las a ficarem caladas, a não ser que tenham palavras agradáveis para os ouvidos dos seus homens. Não gostaste do que ouviste? Não gostas das ideias e das opiniões que exprimi? Tens aí a solução, Barão Liam. És maior e mais forte do que eu. Queres deitar-me ao chão, enfiar-me a língua de couro na boca e prender esse freio à minha cabeça? Queres usar os punhos para me dominares quando eu me debater, de modo que, quando me mandares abrir a boca para me pores o freio, tenha demasiado medo e me sinta demasiado magoada para fazer outra coisa senão obedecer-te?

Liam engoliu em seco, para impedir o refluxo do uísque que ameaçava subir-lhe pela garganta acima.

— Ele fez-te isso? Foi capaz de te fazer isso? — De súbito, compreendeu o que se passara naqueles dias, meses atrás, em que a sua mãe mal lhe falara. O copo de uísque escapou-lhe das mãos, caiu no tapete mas não se partiu. — Porque não me contaste?

— Se tivesse aberto a boca, ele teria feito mal à Brooke.

Liam olhou para o segundo freio, mais pequeno do que o primeiro.

— Ele...? Alguma vez...?

— Não — afirmou Elinore. — Se tivesse tentado, não teria sobrevivido tempo suficiente para se engasgar à mesa com a amante. Ter-lhe-ia arrancado o coração antes que tivesse oportunidade de fazer isso.

Caiu um silêncio demorado, constrangedor, sobre os dois.

— Tens de tomar uma posição, Liam. Podes dar-me a tua palavra de honra em como farás tudo o que for possível para proteger as bruxas do Lugar Antigo.

— E se não assumir esse compromisso? — perguntou, enrouquecido.

— Nesse caso, faço as malas, peço na minha filha e vou viver com as minhas parentes.

Não o teria surpreendido, nem magoado mais se ela houvesse tirado um arco e uma flecha de debaixo do sofá, para o atingir no coração.

— Serias capaz de me abandonar? Deixarias o teu próprio filho para viveres com elas?

— Não estaria a deixar o meu filho, porque, nessa altura, já o teria perdido. Limitar-me-ia a abandonar o barão de Willowsbrook e a libertar-me do controlo que ele pudesse exercer sobre a minha vida.

— Mãe... — Liam esfregou o rosto com as mãos. — Se te fosses embora assim, toda a gente da aldeia saberia da situação dentro de uma semana. Seríamos alvo de chacota.

— Não me posso dar ao luxo de me preocupar com suscetibilidades feridas — respondeu Elinore, em voz baixa —, não quando a vida da minha filha está em jogo.

Liam sentiu a raiva arder-lhe por dentro.

— Julgas mesmo que seria capaz de fazer mal à Brooke? É a minha irmãzinha.

— Tenho perfeita noção daquilo que o meu filho seria e não seria capaz de fazer. Desconheço aquilo de que o novo barão é capaz, quando as coisas não correm de acordo com os seus interesses.

Olhou o rosto pálido da mãe e fez dois punhos cerrados. Sentiu-se dilacerado por uma dor quando admitiu para consigo que ela estava a falar com absoluta sinceridade.

— Faz a tua escolha, Liam, para eu me decidir em função dela — disse Elinore.

— Não posso responder-te. Neste momento... nem sou capaz de refletir. Preciso de tempo para pensar.

Saiu em passos largos da sala, batendo com a porta atrás de si. Saiu de casa e dirigiu-se para os estábulos. Precisava de fazer uma grande cavalgada. Precisava de um cavalo que lhe exigisse atenção e energia para o montar. Talvez o ar fresco e a sensação de velocidade o ajudassem a espairecer, para conseguir raciocinar uma vez mais. Todavia, antes de mais, precisava de um intervalo para não pensar em coisa nenhuma.

Quando Liam chegou às cavalariças, Flint, o encarregado pelas montadas, olhou-o com ar de poucos amigos, o que não era nada de novo. Flint fora empregado do antigo barão e nunca acatara de bom grado as ordens de mais ninguém, nomeadamente do herdeiro do título.

— Quer voltar a sair com o castrado? — perguntou-lhe o empregado, em tom que dava a entender que o trabalho de tirar a sela do dito cavalo fora uma perda de tempo para um dos seus subalternos.

— Sim — replicou Liam, seco. Virou-lhe as costas, fazendo menção de se afastar, enquanto esperava pela montada, mas deu meia volta. — Não. Peça ao Arthur que prepare o Oakdancer.

Flint mostrou-se ainda mais carrancudo, mas olhou para trás de si e bradou:

— Oh moço! Prepara o garanhão para o «barão» Liam.

«Num dia destes, arrisca-se a falar-me no mesmo tom e a ter de procurar emprego noutra lugar», pensou Liam, à medida que se afastava do estábulo. Tinha as emoções à flor da pele e andar às turras com Flint naquele estado só contribuiria para o rancor que a maioria dos empregados nutria pelo moço de estrebaria por ser o único, além de Liam, com jeito para tratar do grande gananhão baio.

«— Com que então, quer comprar-me um gananhão? — disse Ahern, com um ar severo, ao seu convidado.

»Interrogando-se se o seu pai teria razão, quando insistira que a sua ideia estava condenada ao fracasso, Liam pousou o copinho de cerveja na mesa de madeira crua, sem o ter provado.

»— Sim, senhor.

»Ahern calou-se durante muito tempo. Então, olhou para a governanta que tratava da sua casa e anunciou:

»— Este jovem vai ficar para jantar.

»— Ainda bem para ele — replicou, impertinente. — Este rapaz, tal como todos vós, talvez tenha direito a paparoca se me deixarem em paz na cozinha e forem tratar do negócio para os estábulos, como se impõe.

»Ahern dedicou-lhe um sorriso miúdo, antes de acabar o seu copo de vinho.

»— Sendo assim, vamos embora — disse o velho para Liam, encaminhando-se para a porta da cozinha. — Vamos ver se algum dos cavalos mais novos gosta de si.

»Liam fez um sorriso pouco convicto para a governanta, como se lhe quisesse pedir desculpa por ter invadido o seu local de trabalho, esforço inglório, visto que ela já lhe virara as costas, para se atarefar com qualquer coisa ao pé do lavatório. O jovem cravou o olhar no açucareiro que se encontrava em cima da mesa. O açúcar não se apresentava tão bem moído como era costume na altura em casa dos fidalgos, mas sim aglomerado em pequenos torrões. Levantando dali o olhar rapidamente, para se assegurar de que a mulher não estava a vigiá-lo e mantendo-se de costas para a porta da cozinha, tirou um ou dois torrões do açucareiro e escondeu-os na algibeira, antes de dar meia volta para seguir Ahern na direção dos estábulos.

»— Dizem que o senhor cria os melhores cavalos de Sylvalan — comentou Liam, tentando esticar as pernas para acompanhar o andamento do velho.

»— O que dizem é verdade — replicou o outro.

»«Está visto que com elogios não vou lá», pensou Liam. Não que estivesse, realmente, convencido de que ajudariam naquela situação. Aquilo

que se dizia sobre a rispidez de Ahern sobre a dificuldade no trato com ele não era igualmente verdade. O velho vendia cavalos quando lhe convinha e a quem lhe apetecesse. Não havia proposta financeira suficientemente aliciante para se fechar negócio com ele quando decidia que um homem não merecia, por qualquer motivo, negociar com ele.

»Caminharam em silêncio durante vários minutos até chegarem a um cercado no qual uma dúzia de garanhões pastava. Os cavalos levantaram as cabeças. Espetaram as orelhas no ar. Por fim, recomeçaram todos a pastar.

»Ahern passou por cima da cerca e Liam seguiu o exemplo dele.

»— Ponha-se ali — disse o velho, apontando para determinado local, antes de se afastar alguns metros.

»— Mas...

»— Vá!

»Liam foi e ficou à espera.

»Não aconteceu nada.

»— Como é que consegue que venham pastar todos juntos? — perguntou o jovem.

»— Não admito faltas de respeito.

»“Nem a homens, nem a cavalos”, concluiu Liam, mordendo a língua, para se impedir de desfazer o silêncio com qualquer comentário.

»O vendo mudou de direção quanto bastasse para os cavalos sentirem o cheiro dos recém-chegados. De súbito, puseram-se todos em movimento, desenhando círculos largos em meio galope, como se para se exibirem. Dois deles desviaram-se dos demais, aproximando-se dos homens, deram meia-volta e arrancaram a galope para o extremo oposto do cercado. Saíram mais dois cavalos do círculo, afastaram-se um pouco e começaram a pastar. Um a um, os jovens garanhões foram-se desinteressando das visitas até que um baio trotou ao encontro de Liam.

»Este meteu uma mão na algibeira e retirou dali um torrão de açúcar, segurando-o num punho mal fechado.

»O garanhão começou a aproximar-se mais devagar.

»Na esperança de esconder o açúcar longe da vista de Ahern, Liam virou a mão em concha para cima e estendeu-a, dizendo, em voz baixa:

»— Então, vieste travar amizade comigo?

»O garanhão estava perfeitamente disposto a travar amizade com quem tinha açúcar para lhe oferecer. Enquanto o cavalo abocanhava o doce, lambendo depois a palma da mão de Liam, para apanhar os grãos de açúcar que ali haviam ficado, o jovem fez-lhe uma festa e prosseguiu:

»— És um cavalo muito bonito não és? Muito bonito.

»O garanhão acenou com a cabeça, antes de morder a algibeira de Liam.

»O jovem afastou cuidadosamente o focinho dele do bolso. O cavalo reagiu com um empurrão francamente convicto.

»— É melhor dares-lhe o outro torrão, antes que te deite abaixo — aconselhou Ahern, aproximando-se.

»Sentindo um calor nas faces, Liam deu o açúcar que restava ao garanhão.

»Ahern observou o jovem e o baio, antes de acenar na afirmativa.

»— Estão bem um para o outro. Este chama-se Oakdancer. Agora vamos andando, porque ainda temos assuntos para resolver, antes de vocês dois poderem ir-se embora.

»Liam depreendeu que o velho ainda queria estabelecer um preço, ou tratar de papelada. Em vez disso, acabou por passar o resto do dia a treinar com o cavalo, enquanto Ahern punha a montada e o cavaleiro à prova.

»Quando deixaram a quinta, dois dias mais tarde, o jovem e Oakdancer estavam à vontade um com o outro e as palavras com que o velho se despedira: “Mereceste a confiança dele como cavaleiro”, foram o maior elogio que Liam alguma vez ouvira.»

O pai recebera-o com sarcasmo, quando levava o cavalo para casa...

«— *Oakdancer? Que raio de nome é esse para um cavalo?*»

... mas Liam tinha astúcia suficiente para detetar a inveja nos olhos do antigo barão.

O garanhão, por seu turno, odiara o velho desde a primeira vez que lhe pusera a vista em cima. Odiara Flint e os outros que trabalhavam nos estábulos. Liam tivera de tratar de Oakdancer sozinho durante o primeiro ano, pois o cavalo não suportava os outros homens da casa, isso até ao dia em que Arthur apareceu, jovem pálido e esfomeado que procurava qualquer tipo de emprego que lhe pudessem oferecer. Quase que se poderia dizer que tinha um dom no que tocava aos cavalos e Oakdancer tratava-o como se fossem amigos desde sempre.

— Ei-lo, Barão — disse Arthur, ao trazer o baio para fora dos estábulos.

— Obrigado, Arthur — respondeu-lhe. Montou-se no cavalo e demorou um pouco a testar a sela. Era escusado apertar mais a cilha. Nunca sentira essa necessidade com aquele cavalo.

Arthur deu um passo atrás, passou com um dedo ao longo da aba de uma boina imaginária e retirou-se para o interior dos estábulos.

Liam impediu o cavalo de ganhar velocidade até se afastarem da casa e das cavalariças. Assim que soltou um pouco as rédeas, Oakdancer arrancou em meio galope antes de ganhar rapidamente velocidade.

Pareciam voar baixinho, rente ao solo e, por alguns minutos, o universo de Liam pareceu reduzir-se ao cavalo que montava, ao vento que lhe batia no rosto e à terra que se ia ondulando e espraiando à sua frente.

Mais tarde, chegaram a Willowsbrook e à ponte.

Oakdancer espetou as orelhas no ar e lançou-se na direção da ponte.

Liam recuou sobre a sela e puxou as rédeas para obrigar o cavalo renitente a travar.

Oakdancer agitou a cabeça. Resfolegou. Bateu com uma pata no chão.

«Esta ponte», pensou Liam, ao contemplar as pedras que a constituíam, como se se houvessem reunido de livre e espontânea vontade para unir as duas margens. «O que estará do outro lado da maldita ponte?»

O Lugar Antigo. Local onde o seu pai o proibira de pôr os pés, tendo ameaçado deserdá-lo e desancá-lo, se alguma vez desobedecesse. Disse-lhe que era um lugar ruim. Terreno que um homem bom, um homem decente, não devia frequentar.

Se o que Elinore dissera era verdade, o pai dele atravessara aquela ponte, pelo menos uma vez. Claro que Liam duvidava que algum dos habitantes da região considerasse que o seu pai era um homem bom, um homem decente.

O Lugar Antigo. Residência das bruxas: mulheres que se via obrigado a arranjar maneira de encarar, se quisesse impedir a sua mãe de abandonar a casa da família e de levar a sua irmã mais nova com ela.

— Anda, amigo — disse Liam. — Vamos lá descobrir o que fica para além da ponte.

Chegados à outra margem, o cavalo trotou pela estrada abaixo, caminho que dificilmente merecia esse nome, durante vários minutos antes de uma casa saltar à vista.

Liam não sabia o que esperava encontrar. Um casebre periclitante. Talvez uma cabana bem cuidada. Possivelmente uma casinha de pedra.

Deparou-se, no entanto, com uma antiga casa senhorial, capaz de rivalizar com as habitações de qualquer fidalgo da vizinhança, excetuando a sua própria residência. Encontrou à direita do edifício um arco de pedra sobre pedra, com dimensão suficiente para uma carroça passar por baixo, que fazia a ligação entre a parte principal da casa e uma dependência.

Liam desceu da sela e conduziu Oakdancer na direção do arco. Não apareceu nenhum empregado para tomar conta do cavalo. Espreitou para as janelas da residência e não viu ninguém a espreitar para fora. Teriam ido todas a algum lado? Teriam sequer empregados ao seu serviço? Até aquele instante, nunca pensara no assunto. Não se podia dizer que lhe tivesse merecido reflexão. As bruxas representavam uma das proibições que tinham marcado a sua infância, mas, com a idade, sempre lhe parecera mais fácil

não pensar duas vezes sobre elas. Agora estava perante a casa onde moravam. Estava no Lugar Antigo e não fazia ideia se devia bater à porta, como teria feito se fosse a propriedade de outro vizinho, se devia fugir dali.

— Pelo menos, assim posso dizer à Mãe que fiz um esforço — resmungou, voltando-se para Oakdancer.

Quando pegou nas rédeas e se preparava para montar, uma mulher gritou:

— Idjit! Larga isso, miserável, rafeiro pulguento!

As rédeas escorregaram-lhe nas mãos antes de ter percebido que estava a reagir à ordem que a mulher vociferara. Sentiu que o coração lhe saltou para a garganta. Rogar-lhe-iam alguma praga por se ter atrevido a pôr o pé na terra delas? Se o fizessem, preferia não estar de costas para elas.

— Idjit!

Liam deu mais uma volta e um passo à frente, no preciso instante em que um cachorro preto passou alegremente, de cauda enroscada sobre o dorso, por baixo do arco, vindo ao encontro dele. Trazia uma ponta de pano branco cravado entre os dentes, arrastando o resto do tecido no chão atrás de si.

Os seus lábios rasgaram-se num sorriso, aliviado por haver ali outra criatura passível de ser designada por miserável e por rafeiro. Assentou um joelho no chão e estendeu uma mão para o cachorro. Este, com aquilo que Liam juraria tratar-se de um sorriso, arrancou a correr na sua direção, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, como se exibisse o seu prémio. Quando o cão se aproximou o suficiente para provocá-lo e para o desafiar para brincar, Liam pegou num canto do lençol com uma mão, ao mesmo tempo que pegava no bicho pelo cachaço com a outra. Ignorando a mão que o prendia, o cão abriu a boca, para melhor trincar o seu tesouro. Liam lançou o lençol para cima de um ombro e levantou-se.

O cachorro atentou nele, de boca aberta, como se sorrisse enquanto pulava para um lado e para o outro, à frente dele.

— Acabou-se a brincadeira — disse o jovem, levantando a cabeça e deparando-se com uma mulher de cabelos morenos, que passou a correr sob o arco e teve alguma dificuldade em travar.

O cão pôs-se a correr à volta dele, obrigando-o a rodar, para impedir o bicho de apanhar o lençol.

— Idjit! — barafustou a mulher, severa, de mãos nas ancas. — Senta!

O cão parou de correr à volta de Liam, sentou-se no chão e rodou sobre si próprio.

— Senta!

O cão deitou-se e deu duas cambalhotas.

— Esse bicho bateu com a cabeça quando era pequenino? — perguntou Liam.

— É possível que sim — replicou a mulher, com os lábios trémulos, esforçando-se por conter um sorriso. — Ou é muito estúpido, ou é muito inteligente. Ainda não fomos capazes de perceber. — Nessa altura, olhou-o com olhos de ver e a sua boa disposição deu lugar à incerteza. — A sua cara não me é estranha, mas...

Liam olhou bem para ela e sentiu que o coração lhe saltava até à garganta pela segunda vez em poucos minutos. A jovem que tinha perante si era mais parecida consigo do que a própria Brooke. Tinha cabelos castanhos-escuros como os seus e os mesmos olhos como florestas. Não se apercebera até àquele instante do quanto desejara poder ignorar as palavras de Elinore, ou pelo menos ser capaz de tratar aquela mulher com o mesmo distanciamento com que encarava os outros filhos ilegítimos do seu pai. Mas não era possível ignorar aquilo que lhe haviam dito, não era capaz de manter o distanciamento. Perante aquela jovem, sentiu que a palavra «irmã» lhe vibrava nos ouvidos. Adivinhou-lhe um temperamento como o seu. Uma alma como a sua. Viu nela alguém que partilhava do seu olhar sobre o mundo, embora também o visse de maneira diferente. Sentiu-se como se um deles tivesse partido para uma longa viagem e acabasse agora de voltar, como se tivessem de voltar a familiarizar-se um com o outro.

Todavia, nunca a tinha visto antes, nunca lhe dirigira a palavra, não fazia ideia se teria a mesma perspetiva que ele sobre qualquer que fosse o assunto. Além disso, não queria sentir qualquer carinho por ela. Não fora ali para se afeiçoar a nenhuma delas.

Ela parecia continuar a meditar sobre quem seria ele, até ter espreitado por cima do seu ombro e reparado no garanhão, altura em que os traços do seu rosto endureceram e se revestiram de frieza. Liam reconheceu aquela expressão. Vira-a no rosto do seu pai com bastante frequência.

— Com que então — atirou a jovem, com uma polidez glacial —, o novo barão veio fazer-nos uma visita. Porquê?

— Porque sou o novo Barão de Willowsbrook — respondeu-lhe, em voz baixa. Lembrando-se de que ainda tinha o lençol ao ombro, deu um passo em frente e devolveu-lho. — Espero que não se tenha estragado.

A jovem estendeu lentamente a mão para o pano, como se hesitasse em aceitar o que quer que fosse das mãos dele.

— Não lhe aconteceu nada que mais uma lavagem não resolva.

Abateu-se um silêncio constrangedor sobre os dois.

— Porque veio cá? — insistiu ela.

— Porque...

Frustrado, Liam passou com uma mão pelos cabelos. Como havia ele de explicar o que o levava ali?

— Foi muito corajoso por ter feito a sua visita de cortesia às bruxas — disse ela, maldosa e trocista. — Já pode voltar para casa.

— Não posso, não.

— Porque não?

— Porque não quero perder a minha família!

Liam viu tempestades inverniais nos olhos dela.

— Nem o sacana do antigo barão teve tomates para nos insultar desta maneira em nossa própria casa, embora tenha admitir que nos prejudicou de outros modos.

— Não foi minha intenção insultar-vos — disse Liam.

— Claro que não. — Fez dois punhos cerrados. — Insinuou que seríamos capazes de fazer mal à sua família, sem qualquer provocação da nossa parte, e parece-lhe que isso não é insultuoso?!

— Não. Aliás, sim. — Fechou os olhos por instantes. Não tinha tempo para pôr as ideias em ordem. Percebeu, instintivamente, que se a deixasse ir-se embora, nunca mais lhe daria ouvidos. — Somos parentes. Não muito próximos. Do lado da minha mãe.

— Estou ciente disso.

— E nós... os dois... somos parentes mais próximos, por via do nosso pai.

— Do teu pai. Nunca foi meu, graças à Mãe, facto pelo qual estou muito reconhecida.

— É natural — ripostou Liam. — Pelo menos não tiveste de ser criada sob o jugo dele.

Demoraram-se a olhar um para o outro.

— Barão... — começou ela.

— Liam — atalhou. — Chamo-me Liam.

A jovem hesitou, nitidamente hesitante, antes de se apresentar.

— Eu sou a Breanna. — Respirou fundo e expulsou, lentamente, o ar dos pulmões. — O que?...

— O que faz ele aqui? — atirou outra voz.

Liam voltou-se e viu uma mulher agarrada a um dos lados do arco. Os seus cabelos castanhos lançavam reflexos ruivos onde o sol os tocava e eram curtos, cortados como os de um menino. Estava especada a olhar para ele.

— Keely — sussurrou Breanna, dando um passo na direção dela.

Era a mãe da jovem. Liam olhou para Breanna, sem saber o que fazer, ou dizer.

— Ele está morto — gritou Keely. — Disseste-me que tinha morrido. — Nesse instante, o seu rosto foi preenchido por uma expressão de fúria como Liam nunca antes vira. — Afasta-te dela. — Avançou para o intruso. — Afasta-te da minha menina!

— Não, Keely! — bradou a outra.

O chão tremeu sob os pés de Liam. De súbito, torrões de terra começaram a voar na direção dele. Levantou os braços, para proteger a cabeça e a cara, sentiu um projétil atingi-lo no braço com força suficiente para deixar marcas. Outros dois acertaram-lhe no tronco e numa coxa.

— Não! — gritou Breanna.

Liam sentiu uma rabanada de vento puxá-lo pelo casaco, levantá-lo do chão e derrubá-lo. O vento uivou à sua frente. Ouviu o cão ganir e Oakdancer relinçou, assustado.

— Para, Keely!

— Não o deixo levar a minha menina! Não deixo que lhe faça mal!

— Este é o Liam, Keely. É o Liam!

Semicerrando os olhos, para os proteger, Liam levantou a cabeça o suficiente para espreitar por cima dos braços. A um palmo da sua cara, o vento e a terra rodopiavam a toda a velocidade, escondendo as mulheres. Ajoelhou-se, sem saber se seria mais seguro ficar onde estava, ou tentar fugir.

— Disseste-me que ele tinha morrido!

— O sacana do velho morreu — replicou Breanna, contundente. — O corpo dele foi entregue à Mãe e agora só serve para alimentar minhocas, a sua alma foi levada para onde todos os espíritos vão quando atravessam o Véu Oculto.

Liam apercebeu-se de que algo se movimentava do outro lado do re-moinho. Então, Breanna contornou-o, arrastando Keely atrás de si até os três se verem melhor.

— Este é o Liam — afirmou a jovem. — É o filho da Elinore.

Keely abanou a cabeça com veemência.

— O Liam é um menino. É um bom menino. Já o vi a montar a cavalo. Por instantes, o olhar de Breanna revestiu-se de uma tristeza profunda.

— Era um menino, mas já está crescido.

— É parecido com o barão — sussurrou Keely, e os seus olhos voltaram a encher-se de uma fúria cega.

— Ele é o barão, mas não deixa de ser o Liam. — Breanna agarrou no ombro da outra e obrigou-a a voltar-se. — Olha quem ele trouxe para nos visitar.

A fúria dissipou-se a pouco e pouco, à medida que Keely olhava para o garanhão. Desenhou-se um sorriso nos seus lábios.

— Oakdancer! — Franziu o sobrolho, inclinou-se para a filha e bichanou: — Não lhe acertei com nenhum torrão de terra, pois não?

— Acho pouco provável — respondeu-lhe, seca. — É um cavalo. Tem juízo suficiente para se desviar.

Keely passou por Liam, dirigiu-se para o garanhão e começou a fazer-lhe festas.

— Estás bem? — perguntou Breanna, estendendo uma mão para o jovem.

Fechou a mão dela na sua, não por precisar de ajuda para se pôr de pé, mas apenas por ela se ter dignado a oferecer-lha.

— Devo ter ficado com algumas nódoas negras — replicou, tentando mostrar-se indiferente enquanto limpava a terra da roupa. Na verdade, agora que o pior passara, sentia as mãos tremerem de medo. O poder daquelas mulheres, e aquilo que eram capazes de fazer com ele, era algo em que também não se dera ao trabalho de pensar. Olhou para remoinho de vento e terra e perguntou: — Como...?

— O ramo da Mãe que a Keely domina é a terra. O meu é o ar. Foi a maneira mais rápida de a impedir de te magoar. — Breanna levantou uma mão. — O voltar do remoinho abrandou gradualmente, depositando a terra, amontoada, à frente dela. Suspirou. — O Edgar vai ficar zangado por lhe termos escavacado a estrada.

— O Edgar?

— É o caseiro. Nós cuidamos da horta e dos canteiros, mas ele trata do resto. — Hesitou, fixando o olhar em Keely e no garanhão. — O que querias dizer quando falaste de perderes a tua família?

— Tem havido problemas na parte oriental de Sylvalan. Problemas graves. A minha mãe teme o que nos possa acontecer se esses problemas alastrarem até aqui.

— Nesse caso, o que queres da nossa parte?

— Não quero nada da vossa parte — replicou Liam. A resposta soou-lhe ríspida, portanto apressou-se a explicar: — A minha mãe quer que eu aproveite o meu cargo como Barão de Willowsbrook para te proteger a ti e à tua família.

— E se não protegeres?

O jovem engoliu em seco.

— Diz que sai de casa e que leva a minha maninha, para irem viver com a família dela.

— Com a... — Breanna arregalou os olhos. — Aqui? Ameaça mudar-se para aqui? — Com ambas as mãos, afastou os cabelos do rosto. — É certo que isso daria um ótimo tema de conversa para as calhandreiras, não é verdade?

— Isso pouco me importa — respondeu-lhe, com rispidez., mas lembrando-se de manter a voz baixa, para não perturbar Keely. — Elas são a minha família. Adoro-as. Não as quero perder.

O rosto de Breanna suavizou-se, ao compreender o que se passava.

— Conheço essa sensação. — Deixou escapar um suspiro. — Vou falar com a Nuala. Terá maior probabilidade de convencer a Elinore.

— Obrigado.

Breanna hesitou, parecendo que estava a debater algo consigo própria.

— Foi esse o único motivo que te trouxe cá?

Liam teve a impressão de que agora seria indecente admitir que a verdade era essa, portanto não teceu comentários.

A jovem retraiu-se ligeiramente.

— Para ser sincera, pensei que também tivesses vindo cobrar pelos serviços do teu garanhão.

Liam ficou de queixo caído.

— Quais serviços...?

A feiticeira ruborizou-se de repente. Com ar provocador, levantou o queixo e apontou para o cavalo dele.

— Bem, esse aí vem visitar-nos sempre que lhe apetece, não é verdade? Nunca foi nossa intenção que ele...

Breanna bufou, sem conseguir acabar a frase.

— Tinham uma égua com cio quando vos fez uma dessas visitas — depreendeu o barão.

— Às vezes vem armado em amante feroso e não há cerca que o intimide quando está decidido a pulá-la.

Liam escondeu as mãos nos bolsos e esforçou-se por travar a língua. Tinha esperança de que ela se atrapalhasse um pouco mais, à procura de justificações. Estava divertido com a frustração de Breanna.

— Não se pode dizer que houvesse alguma coisa a fazer quando o Clay veio a correr, para nos avisar de que o teu cavalo estava a fazer o que queria da nossa égua.

Liam tossicou para se impedir de rir em voz alta.

— Sendo assim, o que ganhaste com o que ele fez à tua égua?

— Uma poldra.

— Tens dinheiro para a criares?

Breanna fulminou-o com o olhar.

— Não somos pobres.

— Não me passou tal coisa pela cabeça. — Principalmente depois de ter visto a casa e os terrenos bem cuidados. — Mas isso não quer dizer que vos convenha ter mais um cavalo para alimentarem.

Mostrou-se novamente embaraçada.

— Tem boa linhagem, de um e de outro lado, e é um doce. Gostava de ficar com ela.

— Nesse caso, digamos que essa égua é uma oferta, em nome da paz — respondeu-lhe, em voz baixa.

— Obrigada.

— Bem... — Raspou com a biqueira de uma bota no chão. — É melhor ir buscar o meu cavalo e voltar a pôr mãos à obra. — Viu o cachorro aproximar-se de Breanna, arrastando o lençol que devia ter voado com o vento quando a jovem amansara a fúria de Keely. O cão sentou-se aos pés dela, ficando a olhar para a dona até esta ter aceitado a prenda e lhe ter dado o ansiado elogio. — Além disso, é melhor deixar-vos voltarem ao trabalho.

Breanna olhou atentamente para o cão e depois para ele. O brilho que lhe viu nos olhos deu-lhe vontade de levar a mão à carteira, para se assegurar de que não fora roubada.

— Que idade tem a tua irmã?

— Dez anos — respondeu, a medo.

— E achas que gostava de ter um cão?

— Não o vou levar comigo.

— Seria um belo companheiro para uma menina.

— Seria um desastre doméstico.

Breanna respirou, preparada para dizer alguma coisa, mas limitou-se a sorrir.

— Sem dúvida alguma, mas digamos que seria uma oferta em nome da paz.

Retribuiu-lhe o sorriso.

— Seria tudo mais pacífico se ficasses com ele aqui.

A jovem franziu o nariz.

— Sendo assim, anda daí. Acompanho-te até ao teu cavalo.

Acertou os seus passos com os dela, afetado pela facilidade com que os acompanhou.

— Keely — disse Breanna, baixinho. — Agora o Oakdancer tem de voltar para casa.

A outra fez beicinho, de um modo que fez com Liam se lembrasse de Brooke.

— O Arthur ainda não veio buscá-lo.

— Não vai voltar com o Arthur — afirmou Breanna, com firmeza. — Vai voltar para casa com o Liam.

Fez uma festa ao garanhão e passou um braço à volta dos ombros de Keely, afastando-a do cavalo.

Liam instalou-se na sela.

— Boa tarde, minhas senhoras.

— Que a Mãe te abençoe, Liam — despediu-se Breanna.

Segurando as rédeas, para que Oakdancer galopasse brandamente a caminho de casa, Liam interrogou-se quanto lhe teria custado proferir essas palavras. Quão difícil teria sido ser criada por uma mãe cuja maturidade

emocional nunca ultrapassara a de uma criança? A culpa fora do seu pai, eram essas as cicatrizes que, de acordo com Elinore, nunca haviam sido apagadas pelo tempo. E no entanto...

Breanna era sua irmã. Era uma bruxa. Tinha poderes que o assustavam, agora que assistira a uma pequena demonstração da sua intensidade. Porém, era uma mulher como outra qualquer.

Uma irmã.

Uma bruxa.

Ainda não decidira o que pensava sobre isso, o que pensava sobre ela. Todavia, tinha a certeza de que encontraria outro pretexto, dentro de poucos dias, para atravessar aquela ponte e voltar a visitá-la.

— Gostaste dele.

Breanna, ao lado de Nuala, enquanto viam Keely atirar um pau para Idjit ir buscá-lo, acenou com a cabeça, relutante.

— Sim. Gostei dele. Não estava à espera disso. Não queria que acontecesse.

— É teu irmão — replicou, em voz baixa.

Breanna abanou a cabeça.

— Isso é algo que nunca virá a ser.

— Nunca é muito definitivo. Tudo muda.

— Não a esse ponto.

— Podemos vir a precisar da ajuda dele. Ele pode vir a precisar da nossa. A família está preocupada com o que se passa nas aldeias do Leste. Têm-se dito palavras duras sobre as bruxas e isso preocupa as anciãs. Algumas das nossas primas vêm aqui passar o Solstício de verão e é possível que cá fiquem bastante tempo.

Breanna voltou-se para a sua avó, olhou para o cinzento que raiava nos seus os cabelos escuros, para as rugas que acentuavam os traços fortes do seu rosto.

— Também estás preocupada?

Nuala remeteu-se ao silêncio, antes de admitir:

— Sim, estou preocupada. Tenho sonhado com águas escurecidas pelo sangue que é derramado nelas. A Keely teve um ou dois pesadelos sobre árvores que choravam lágrimas de sangue. E tu, Breanna? Que imagens te têm trazido os teus sonhos?

— Ventos que enegrecem, que se enchem de asas e de presas. Tudo o que eles tocam, acaba por morrer.

A recordação desses sonhos fez com que tremesse.

Nuala anuiu com um aceno.

— Nesse caso, como vê, tenho razões para estar preocupada. Além disso, segundo o Povo Menor, os Fae têm andado a aparecer, sorrateiros.

Breanna encolheu os ombros, mas, quando falou, fê-lo com mordacidade:

— Os Fae aparecem e desaparecem a seu bel-prazer, pouco lhes importa de quem são as terras que visitam.

Não que alguma vez houvesse visto alguém do Povo Belo. Bem, talvez tivesse visto, uma vez, quando era pequena e saíra furtiva de casa, para passear numa noite de verão em que estava agitada. Todavia, os cavaleiros que vislumbrara à distância, ao luar, podiam ter sido de qualquer raça.

— Nunca tinham interrogado o Povo Menor, nunca tinham prestado atenção a ninguém que não aos do seu próprio povo — disse Nuala.

Breanna franziu o sobrolho.

— Que informação poderão querer do Povo Menor?

— Informação sobre nós. — Nuala respirou fundo e soltou lentamente o ar dos pulmões. — Parece que os Fae estão profundamente interessados em nós.

— Porquê?

— Não sei. Os Fae não fazem nada que não sirva os seus interesses, logo tem de ser por alguma motivo que os possa beneficiar.

— As nossas primas fizeram algum comentário sobre Fae que tenham mostrado interesse nelas?

Nuala abanou a cabeça.

— Quando se tem um lobo à porta de casa, não se perde muito tempo a pensar na raposa que ataca a capoeira.

— Não estou a gostar nada disso.

— Nem eu. Assim sendo, talvez seja do nosso interesse, bem como do interesse daquelas que nos vêm visitar, admitirmos a possibilidade de o Liam ser nosso aliado, particularmente quando há inimigos a mobilizarem-se contra nós, tanto em Tir Alainn, como neste mundo.

CAPÍTULO TRÊS

Morag, a Ceifeira de Almas, acocorou-se e olhou desconsolada para a abundância de plantinhas verdes que se estendiam à sua frente.

— Diz ele que isto é fácil — atirou, quase como se rosnasse as palavras. — Diz que basta apanhar tudo o que for pequeno, verde e estiver mal em certa parte do jardim. Pelas tetas da Mãe, Neall, como queres tu que eu saiba o que está, ou não está mal?

— Isso não está bem aí — disse uma voz. Surgiu ao seu lado um pauzinho, por cima do muro baixo que cercava o jardim, e apontou para um rebento verde. — Isso é erva que está a tentar instalar-se em terra bem amanhada.

Morag levantou a cabeça. Ashk, a Senhora da Floresta de Bretonwood, erguia-se do outro lado do muro, sorridente.

Afastando do rosto as madeixas de cabelo moreno que se haviam desprendido da fita que usara para apanhá-los, Morag retribuiu a simpatia com um sorriso contrariado.

— Tem a certeza? Se arrancar a planta errada, a Ari zanga-se e o Neall passa o resto do ano a arrelhar-me por causa disso. «Hoje vamos comer sopa de relva, porque a Morag deu cabo das ervilhas.» Ou dos feijões. Ou de seja o que for que querem cultivar aqui.

— O resto do ano? — perguntou Ashk, bem-disposta. — Agora faz parte do Clã, querida Morag. Teria sorte se ele não repisasse o assunto durante uma década. — Debruçou-se mais sobre o muro e analisou as pequenas plantas. — Dito isso, é capaz de ter razão. Talvez isso seja feijão, ou ervilha.

— Por outras palavras: sabe tão pouco quanto eu.

— Sei dizer-lhe o que cresce na floresta. Já na horta... — Ashk encolheu os ombros. — Uma coisa lhe garanto: aquelas — afirmou, apontando com o pau —, são ervas que não deviam estar aqui.

Morag inclinou-se para a frente, prendeu um punhado de ervas com força, entre o polegar e o indicador de uma mão, mas não teve coragem de o arrancar do chão, de lhe separar as raízes da Mãe Universal. No verão anterior, sentira-se cercada pela morte — mortes cruéis e violentas —, até se ter apercebido da presença dos Inquisidores e ter descoberto o motivo pelo qual a sua destruição das bruxas estava intimamente ligada à destruição de Tir Alainn. Recolhera demasiadas almas, para as levar à estrada através do

Véu Oculto, de modo que pudessem passar ao Reino do Verão que se estende do outro lado. Agora, no Lugar Antigo onde se encontrava, com Ari e Neall, sentia-se viva e era uma sensação inebriante. Havia tanta vida à sua volta, que não queria ouvir a Morte sussurrar-lhe, nem que fosse para ceifar uma folha de erva.

— O dia e a noite — disse Ashk, com ternura. — As sombras e a luz. A vida e a morte. Tudo isso faz parte do desenrolar dos dias, Morag. Tudo isso faz parte do mundo. Uma vida pode impedir outra de existir. As ervas daninhas podem espalhar-se e não deixar espaço para outras plantas crescerem. É importante ir-se ceifando aqui e ali.

— Ainda estamos a falar de plantas? — perguntou Morag. A inteligência evidente nos olhos castanho-esverdados de Ashk pareceu-lhe tão penetrante quanto constrangedora.

— Estamos a falar da vida — replicou. Levantou a cabeça e o seu olhar fixou-se nas florestas que orlavam o prado onde ficava a casa de Ari e Neall. — É época de crescimento. É nesta altura que o Senhor das Florestas também dá pelo nome de Senhor do Viço e que o mundo se enche de vidas novas. No entanto, ninguém se pode esquecer de que, onde o Senhor do Viço caminha, projeta a sombra do Caçador, que é o outro nome pelo qual o conhecemos.

Morag pousou as mãos nas coxas.

— A minha irmã comentou que não há florestas em Tir Alainn. Eu disse-lhe que isso se devia ao facto de a vida e a morte andarem lá de mãos dadas, ao facto de as florestas terem sombras e demasiada vida para serem perfeitas.

O olhar de Ashk voltou a incidir sobre Morag.

— Assim sendo, compreende a situação. Arranque as ervas daninhas enquanto for possível arrancá-las. As ervas também têm sítio onde crescer. Que cresçam lá, mas não entrem em hortas onde não devem existir.

À medida que se observavam mutuamente, acumulava-se tensão entre elas. Por fim, ouviu-se um latido alegre, que chamou a atenção de Ashk e o ambiente desanuviou-se.

— Ah — disse ela —, aí vem a pessoa indicada para lhe dizer o que deve e não deve arrancar do chão.

Morag levantou-se e viu Ari aproximar-se, enquanto Merle corria à volta dela, desenhando círculos com exuberância. O animal enorme, arraçado de cão Fae, ainda era suficientemente novo para ter atitudes infantis, tendência que se reforçara a partir do reencontro com Ari.

Quando a bruxa chegou ao portão que dava para a horta maior, pousou uma mão na cabeça de Merle e disse-lhe.

— Vai correr e brincar no prado. Eu fico aqui, com a Morag e a Ashk.

Merle deixou-se ficar a olhar para ela, a ganir.

— Não te preocupes — disse Ari, e debruçou-se para ele. — Vai caçar coelhos.

Com mais um latido alegre, Merle deu meia-volta e rompeu a correr prado adentro, transformando-se numa sombra acinzentada, raiada de negro. Só as patas dianteiras denunciavam que não era um cão de raça pura.

Ari olhou para as duas mulheres e esboçou um sorriso pesaroso.

— Ontem à noite, quando me tranquei dentro da casa de banho e o deixei lá fora, esperou sentado à porta, a uivar.

— Nós ouvimos — replicou Ashk, em tom seco. Assim que viu Ari arregalar os olhos, deu uma gargalhada.

— Talvez a Ashk não tenha ouvido — resmungou Morag —, mas garanto que eu e o Neall ouvimos muito bem.

Não houvera ordem, nem raspanete capaz de afastar o cão da porta da casa de banho. Morag levava o cão consigo quando abandonara a quinta de Ahern, no verão anterior, mas Merle nunca se esquecera de Ari, a primeira pessoa que o acarinhara sem reservas.

— Dê-lhe tempo — disse Ashk. — Só está consigo há uns dias. Ainda não confia que uma porta fechada não seja sinal de que a dona se vai embora.

— Eu sei — admitiu Ari, abrindo o portão. — Ao menos o Neall convenceu-o de que não pode dormir connosco na cama.

Ashk deixou escapar um sorriso.

— O próximo passo será convencê-lo de que não pode passar sempre as noites dentro do vosso quarto.

Ari corou, antes de franzir o sobrolho para o cesto vazio aos pés do Morag.

— Vim ajudá-la com a monda.

— Devia antes descansar — comentou Morag, enquanto Ari se ajoelhava e se apoiava com uma mão no chão, para se poder baixar e arrancar uma erva daninha do chão.

— Já descansei — respondeu-lhe, na defensiva. Atirou a erva para dentro do cesto e encarregou-se de continuar a mondar aquela parte da horta.

«Uma vida pode impedir outra de existir», refletiu Morag, à medida que se ajoelhava junto a Ari e se preparava para arrancar outra planta do solo.

Ari prendeu-lhe a mão.

— Isso é feijão. — Apontou para um rebento imediatamente ao lado daquela planta. — Aquela é uma erva daninha.

— Como é que as distingue? — murmurou Morag. — Parecem iguais.

— Não parecem nada. Têm folhas diferentes.

Talvez as folhas parecessem diferentes aos olhos de Ari, visto que as bruxas eram as Filhas da Mãe Universal e derivavam forças dos quatro ramos que a compõem — a terra, o ar, a água, e o fogo —, mas para Morag, não passavam de rebentos verdes que conferiam ao solo um aspeto macio e atapetado.

— Além disso — prosseguiu Ari —, quero trabalhar o mais possível agora, antes que engorde tanto, com o bebé que tenho no ventre, que deixe de conseguir levantar-me do chão sem ajuda. — Suspirou. — Quando chegar a altura da primeira ceifa que vamos fazer aqui, pouco poderei fazer, além de bambolear de um lado para o outro enquanto os outros trabalham.

— O Neall não teve consideração nenhuma quando se deitou contigo depois da festa do Solstício de inverno, sem ter em conta que a Ari se arriscava a estar nesse estado quando fosse o tempo de colheitas — atirou Ashk, seca.

Morag levantou o olhar para ela. Havia uma contundência oculta por detrás daquelas palavras que atirara à laia de brincadeira.

Ari não deu sinais de ter reparado nisso. Ficou muito corada e riu-se.

— É verdade. Nessa noite divertimo-nos e nenhum dos dois perdeu tempo a contar pelos dedos quando poderia nascer um bebé.

Ansiosa por dar outro rumo à conversa, Morag comentou:

— Semearam muito feijão. Devem gostar disso.

Ari franziu o nariz.

— Gosto mais de ervilhas, mas o Neall prefere feijão. Quero assegurar-me de que medram plantas suficientes para ele ter todo o feijão fresco que lhe apetecer e ainda sobrar algum que eu possa conservar, para quando mudarmos de estação.

Morag olhou de soslaio para Ashk e surpreendeu-se ao detetar igual medida de prazer e angústia no semblante dela.

— Sente-se bem? — perguntou Ashk, em voz baixa. — O Neall comentou que a Ari adormeceu uma ou duas vezes, praticamente a meio do jantar. Não devia andar tão cansada depois de dormir durante o dia.

— Eu... — Ari olhou em volta, como se quisesse verificar que só estavam ali as três. — Na verdade, não tenho dormido muito de dia.

— Ai não?

— Quando eu e o Neall fomos a Breton, no mês passado, troquei algumas das tapeçarias que fiz no inverno por pano para a roupa do bebé e para fazer algum vestido que possa usar durante a gravidez. Também trouxe um ótimo tecido, que dará para fazer uma camisa que o Neall possa usar no Solstício de verão. Escondi-o no meio dos outros, porque ele teria batido o pé se soubesse que comprei algo tão caro para lhe oferecer. — Ari hesitou, respirou fundo e soltou lentamente o ar dos pulmões. — Apesar de ter

vivido tantos anos com o Barão Felston, nunca teve direito a roupa nova, a roupa fina. Toda a que tem foi herdada do Royce. Mas agora tem casa própria; está na terra da mãe. Aqui, ele é um fidalgo e um Senhor de direito. Assim sendo, quero que tenha roupa nova e elegante. Quero fazer-lhe uma surpresa, por isso tenho costurado quando devia estar a descansar, visto que é a única altura em que o Neall se encarrega de tarefas que o afastam de casa e em que tenho a certeza de que não me vai apanhar, antes de ter escondido a camisa.

«O que se passa na tua cabeça e no teu coração, Ashk?», interrogou-se Morag, quando o rosto dela voltou a encher-se de um misto de angústia e satisfação, antes de ter desviado o olhar.

— Só para que esteja avisada — segredou Ashk —, o seu senhor vem aí.

Ari começou a arrancar ervas com empenho.

Morag pôs-se em pé, sentindo uma estranha vontade de protegê-la, embora não soubesse porquê.

Neall avançou em passos largos na direção da horta. Quando se abeirou do muro e viu Ari ali, mostrou-se zangado e disse-lhe:

— Devias estar a descansar.

Ari espreitou por cima de um ombro.

— Estou descansada. Agora quero ensinar a Morag como se arrancam ervas daninhas.

— Já lhe expliquei como se faz.

— E eu estou a mostrar-lhe como é.

Antes que Neall pudesse fazer mais comentários, Ashk apressou-se a dizer:

— Vem daí, jovem. Enquanto a Morag acaba a sua lição, aproveito para te dar a tua.

Morag viu Ashk e Neall afastarem-se na direção da floresta. Neall parecia humano, mas era filho de pai com sangue Fae e de mãe bruxa, Filha da Casa de Gaian. Desde que haviam chegado àquele local no verão anterior, depois de o jovem e Ari terem fugido de Ridgeley e dos Inquisidores que a queriam matar por ser bruxa, Ashk dedicara-se a ensiná-lo a alimentar o poder que estava adormecido no seio dele, decidida a ensiná-lo a ser um Senhor das Florestas.

Morag fora informada de tudo isso por Neall na meia dúzia de dias volvidos desde que o casal a havia recebido com amizade e acolhido no seio da família, convidando-a a morar ali. No entanto, quando estava com os Fae que moravam no Lugar Antigo, tinha a sensação de que escondiam alguma coisa. Não raras vezes, quando fazia uma pergunta, respondiam-lhe: «Só a Ashk poderá responder a isso.» Por sua vez, Ashk, que era muito

direta na abordagem a diversos assuntos, evitava mais perguntas do que aquelas às quais respondia.

«Quem serás tu, Ashk? Nunca vi um Senhor, nem uma Senhora das Florestas controlar um clã como controlas este. Quem serás tu, para mereceres tamanha obediência? Eis a pergunta para a qual ninguém me dá resposta. Nem mesmo tu.»

— As ervas daninhas estão aqui em baixo — disse Ari.

— O que fazem com elas depois de arrancadas do chão? — quis saber Morag, pondo de parte as outras dúvidas, que ninguém lhe esclarecia.

— Guardamo-las ao fundo da horta, para as convertermos em adubo — explicou-lhe. — O calor do sol, a chuva e o vento ajudam a transformá-las num alimento nutritivo para esta terra.

A terra, o ar, a água, e o fogo. Os quatro ramos da Mãe Universal. As quatro variantes de poder de que as bruxas eram dotadas.

A vida e a morte. As sombras e a luz. As bruxas compreendiam essas dicotomias.

Morag ajoelhou-se junto a Ari.

— Muito bem. Ensine-me a mondar.

Ashk deambulou com Neall nos caminhos que atravessavam a floresta, repleta de pensamentos e emoções tão dispersos para se conseguir concentrar na lição que pretendia dar. O seu aluno também não estava muito atento. Por vezes, quando passeava na floresta, deixava-se levar tranquilamente, absorta em pensamentos. Também havia alturas em que uma distração momentânea podia ser fatal. O quebrar de um galho e a chegada de um cheiro diferente ao sabor do vento bastavam para ficar alerta, mas Neall ainda tinha de aprender a usar o dom que herdara do seu pai, pelo que não se podia dar ao luxo de se descuidar.

«No entanto», pensou Ashk, «quando os pensamentos da professora se desencaminham, torna-se difícil apontar defeitos ao aluno por permitir que o mesmo lhe aconteça.»

— Como só estás aqui de corpo, não será melhor desistirmos da aula de hoje? — perguntou-lhe, com brandura.

— Diga? — Neall ficou com um ar baralhado, antes de sorrir e pedir desculpa. — Lamento. Estava com a cabeça noutra sítio.

— Quando se está na floresta, jovem, é melhor tê-la no sítio.

— Sim, senhora. — Hesitou. — Não se passa nada, pois não? Nem com a Ari, nem com o bebé.

— Porque se haveria de passar?

— Achei-vos todas muito sérias quando cheguei à horta, portanto

perguntei-me se a Ari vos teria dito alguma coisa, a si ou à Morag, que não me tenha dito a mim.

Ari dissera várias coisas, nenhuma das quais queria comentar com o jovem por perto.

— Ashk...

— Se fazes questão de saber, estávamos a comparar os tamanhos das pilas dos amantes que já tivemos — atirou, sem pensar, respondendo-lhe no mesmo tom com que reagia a Padrick sempre que este lhe tentava arrancar informação que não queria partilhar. Nessas ocasiões, Padrick respondia sempre com um sorriso e levantava as mãos em sinal de rendição, ciente de que Ashk falaria com ele quando estivesse preparada, e que se calaria se aquilo com que se distraía a pensar disse respeito a terceiros.

Não contava com o ar aflito com que Neall a olhou antes de lhe virar as costas.

«Pateta», refletiu. «Não só saíste do caminho, como meteste a pata num espinheiro.»

— Nesse caso — disse Neall, em voz baixa —, a comparação é-me favorável, ou não?

Ashk cravou o olhar nele.

— Estava a brincar contigo, Neall.

A insegurança visível nos olhos dele revelou dúvidas que conseguira esconder até então.

— Foi a ti que a Ari escolheu.

— Não teve grande alternativa — replicou. — Não depois de os Inquisidores terem aparecido em Ridgeley.

— Escolheu-te antes de eles chegarem — afirmou Ashk, terminantemente. — Foi isso o que me contaste. Era mentira?

Neall abanou a cabeça na negativa.

— Mas não consigo deixar de pensar se não serei uma desilusão como amante, se ela sente comigo o mesmo que sentiu com...

Não conseguiu acabar a frase. Não tinha coragem para olhá-la nos olhos.

— Se sente contigo o mesmo que sentiu com o Lúcifer — concluiu Ashk. As suas emoções agitaram-se, tempestuosas, e teve vontade de protegê-lo. — A Ari escolheu-te a ti, não ao Lucian. Escolheu-te a ti. Não foi ele que lhe aqueceu a cama ao longo destes meses todos. Não é dele o filho que tem no ventre. Alguma vez te deu a entender que os momentos que partilham na cama não lhe agradam tanto quanto a ti?

— Claro que não — replicou Neall, embravecido. — Nunca diria nada, mesmo que...

— Mesmo que...? — reagiu Ashk, igualmente irritada. — Se julgas que não gosta de dormir contigo, devias prestar mais atenção. Vocês dois... — Cortou a frase a meio, esforçando-se por conter as emoções que tinham vindo a ganhar intensidade desde meses atrás. — És mais parecido com o teu pai do que imaginas.

— Como assim? — quis saber Neall.

Ashk riu-se baixinho, um ruído triste.

— O Kief preocupava-se muito, por não saber se satisfazia a Nora, se lhe agradava como amante. A tua avó não gostava dele, sabias? Porque não era filho de bruxa nem puramente Fae. Mas adorava a Nora, e ela a ele, daquele modo discreto e profundo que a caracterizava. Plantou feijões no primeiro verão que passaram juntos. Muitos feijões. Plantou-os porque ele gostava muito de os comer. O teu pai nunca compreendeu isso como uma declaração de amor, não percebia que a paixão nem sempre arde com intensidade à superfície, não quando está entranhada no coração.

— Lembro-me de os ver juntos — defendeu-se Neall. — Lembro-me de os ouvir rirem-se, de ver a maneira como se olhavam. Era pequeno quando morreram e talvez não entendesse na altura o significado desses olhares, talvez só os visse como carinhosos, reconfortantes, mas teria reparado se eles estivessem infelizes. Teria pressentido alguma coisa.

Ashk encostou-se à árvore mais próxima.

— Não te apercebes da maneira como tu e a Ari olham um para o outro. É como se eu estivesse a olhar para a Nora e o Kief outra vez. A maneira como trabalham juntos, como partilham gargalhadas, como re-filam sobre as tarefas domésticas. Pelo ar com que vos vejo de manhã, é evidente que passaram uma noite longa na cama e muito pouco tempo a dormir. — Suspirou e fechou os olhos. — Houve alturas em que vim cá, vi uma mulher morena a pendurar a roupa lavada na corda e estive prestes a chamar-lhe Nora, antes de se voltar e eu compreender que era a Ari. — Abriu os olhos e fixou-os em Neall. — É fácil que uma paixão arda intensa durante um breve instante quando não se tem de pensar nas pequenas coisas do dia a dia, aquelas que constituem o resto da nossa vida. Esse fogo arde em labaredas e apaga-se num instante, a não ser que seja alimentado. Quando chegou a hora de escolher, o Lucian não lhe apresentou atrativos suficientes para escolher ficar com ele. Pensa nisso da próxima vez que tiveres dúvidas, meu jovem Senhor das Florestas. Uma Filha da Casa de Gaiian preferiu-te ao Lucífero, o Senhor do Sol.

Neall apanhou um galho seco do chão e entreteve-se a parti-lo em pedacinhos.

— Não me lembro da minha avó. Quando morreu ela?

— Ainda é viva. — Ashk viu-o arregalar os olhos. — Mora na Ilha de Ronat com o seu Senhor dos Mares, o seu marido *selky*¹.

— Mas...

— A Cordell tem o dom de controlar a água, mas o que apela aos seus instintos é a impetuosidade do mar, não a música suave dos rios e dos regatos. Este Lugar Antigo fica demasiado afastado do mar para alguém com ela. Quando me mudei para aqui, já a tua avó se fora embora de vez, deixando a Nora e esta terra ao cuidado da mãe dela.

Neall ficou subitamente atento.

— Quando se mudou para aqui? Este não era o seu clã?

Para onde quer que se virasse, Ashk continuava presa nas garras das emoções.

— Não, mas precisava de... de ir para um sítio diferente... por isso o meu avô trouxe-me para cá, onde, mesmo assim, tinha família. Foi por isso que...

Trincou um lábio e calou-se.

— Foi por isso que...? — insistiu Neall, em voz baixa.

— Eu não sabia. — As palavras começaram a fugir-lhe da boca. — Tinha dezanove anos quando a Nora e o Kief morreram. Não tinha como inverter o meu destino, por isso levei-te para longe daqui.

— Ashk.

Neall estendeu uma mão para o braço dela, para a consolar.

Ashk afastou-se.

— Pensei que te acontecesse o mesmo que me aconteceu a mim. Levei-te para junto de pessoas da tua família, julguei que te acolheriam. Julguei que tratassem de ti.

— E trataram, de facto.

Ela sentiu que as lágrimas lhe ardiam nos olhos.

— Não trataram, não. Eras o «parente pobre». Sei o que isso significa entre os humanos de boas famílias. Não tinham o direito de te chamarem isso. Não tinham esse direito.

Neall deixou escapar um suspiro.

— A Ari gosta de mim. Creio que terá pintado um quadro mais negro do que realmente foi para mim.

— E eu creio que estás a tentar tapar com flores um monte de estrume, para disfarçares o mau cheiro. Não é por isso que deixa de ser estrume.

Neall calou-se durante algum tempo, antes de reagir:

— Disseste-me que tinha de partir para aprender os costumes da família do meu pai. Assim fiz. Agora voltei para casa. Se não tivesse ido morar

¹ Criaturas da mitologia da Islândia, Irlanda, Escócia e Ilhas Faroé que viveu como focas no mar, mas quando em terra podem assumir a forma humana.

com o Barão Felston, não teria conhecido a Ari. Há sempre sombras e luz. Não é isso que teimas em mostrar-me quando fazemos estes passeios na floresta? Ela é a minha luz, Ashk.

«Se não tivesse abandonado a minha família para correr mundo, não teria acabado por vir para aqui, ao Oeste de Sylvalan», dissera Kief. «Não teria acabado com a Nora.»

— Vamos — disse Neall, em voz baixa, quando ela não reagiu. — Acompanho-a até à casa do Clã.

Uma mudança subtil na floresta chamou imediatamente a atenção de Ashk. Tratava-se de uma força antiga, em declínio, mas que, ainda assim, conseguia pressentir.

— Não — respondeu-lhe. — Tenho outros assuntos para resolver. Volta para casa.

Deteve-se a olhá-la, por instantes, antes de fazer uma vénia e dar meia-volta.

— Neall. — Hesitou, antes de decidir que lhe podia contar pelo menos isso. — A Ari plantou feijão para este ano. Muito feijão. Porque tu gostas muito.

Percebeu que ele estava a assimilar a mensagem. Mesmo depois de o jovem ter partido, não saiu de onde estava, pressentindo a presença dele na floresta. Quando se sentiu segura de que Neall não voltaria atrás, deu meia-volta e seguiu pelos caminhos que levavam à parte mais antiga da floresta.

Caminhou durante vários minutos, atenta aos chilreios dos pássaros e ao barulho dos esquilos. Por fim, avistou o veado, parado ao lado do tronco grosso de um carvalho. Se fosse um veado de verdade, teria chifres pequenos e aveludados naquela altura do ano, não uma armação completa. Todavia, aquela criatura era um Fae metamorfoseado.

— Kernos — sussurrou ela. Há muitos anos que ele era o Senhor do Viço, desde que se tornara no Senhor das Florestas. Isso não tinha qualquer importância. Não para ela.

Abordou-o devagar e fez uma vénia quando parou diante dele.

— É uma honra estar na sua presença, Avô.

O veado não se mexeu. Limitou-se a observá-la com os seus olhos escuros.

— Reúnem-se sombras sobre outras regiões de Sylvalan — segredou Ashk. — Se não forem travadas, hão de chegar a esta parte do país.

Kernos deu meia-volta e avançou no carreiro, arrastando ligeiramente a pata traseira do lado esquerdo, tal como fazia quando se apresentava com figura humana, desde o acidente vascular cerebral que tivera três anos atrás. Recuperara grande parte da energia, mas nunca deixara de arrastar a perna esquerda e de ter um discurso algo arrastado.

Obedecendo à ordem que ele não verbalizara, Ashk seguiu no seu encalço.

O clã com quem Kernos morava ficava a um dia de viagem daquele local. Ele não devia fazer viagens tão longas sozinho. Já não. Não que alguma criatura se atrevesse a fazer-lhe mal enquanto estivesse nas florestas que Ashk habitava.

Fora um apoio constante para ela. Sempre. Ensinara-a a ser uma Senhora das Florestas e preparara-a para muito mais do que isso.

Fora ele quem se ajoelhara a seu lado da primeira vez que se transformara e assumira a sua forma alternativa. Fora ele quem a acariciara, quem a acalmara, quem lhe dera alento quando o resto da família se afastara ao descobrir aquilo em que se tornara. A sua outra forma era rara. Perigosa. Quando a assumia, ninguém estava a salvo dela.

Seguiu-o até chegarem a uma clareira no coração da floresta. Ele correu em diante, pondo-se ao sol. Ela deixou-se ficar na orla do arvoredor, à sombra, angustiada por saber que Kernos já não tinha velocidade para fugir de um predador, já não tinha força para lhe fazer frente e vencer.

O veado olhou para trás, para ela, expectante.

Costumava levá-la a brincar naquela clareira. Transformava-se em veado e deixava-a perseguir-lo. Quando Ashk era jovem, Kernos corria a velocidade suficiente para lhe dar a ilusão de que podia apanhá-lo, velocidade suficiente para não ela não ficar com o orgulho ferido. Tempos mais tarde, começou a correr mais depressa, obrigando-a a esforçar-se para acompanhá-lo.

Recordou-se do dia em que o apanhou e correu a seu lado. Lembrou-se do dia em que compreendeu que seria capaz de ultrapassá-lo, embora não o tenha feito.

Lembrou-se também do dia em que Kernos travara abruptamente e passara a correr por ele, altura em que se detiveram a olhar um para o outro na clareira e Ashk adivinhou a derradeira ordem que o Avô nunca chegou a verbalizar.

Respirou fundo, devagar, entrou na clareira e transformou-se num cão negro.

O veado rompeu a correr.

Os pelos cinzentos, raiados a negro de Ashk destoavam do verde circundante, banhado pelo sol, mas na escuridão dos bosques, ou ao luar, passaria despercebida, uma predadora que não seria identificada enquanto as suas presas não se enterrassem numa jugular. Não havia criatura na floresta, fosse veado, lobo, ou javali, que lhe pudesse fazer frente quando assumia aquela forma.

O cão correu atrás do veado, rosnando e batendo os dentes atrás das patas dele, a velocidade suficiente para que Kernos pudesse sentir a emoção da caçada, mas não tanta que pudesse ferir o seu orgulho.

CAPÍTULO QUATRO

Ao ouvir a campainha tocar no gabinete do inquisidor, Ubel dirigiu-se para a porta de acesso à câmara das confissões que ele e os colegas tinham ajudado Adolfo a preparar naquela casa de campo, cedida à missão por um dos barões de Sylvalan. Avançou em passos rápidos, mas não precipitados, único sinal exterior de que confiava na segurança proporcionada pelo seu estatuto na organização, estatuto que os colegas lhe invejavam, principalmente desde o outono anterior, altura em que o Inquisidor-Mor regressara daquela terra onde a magia era uma praga, para a segurança da sua própria pátria.

Apesar da rapidez com que respondeu à chamada, voltou a ouvir tocar a campainha, agora mais distante, visto que estava quase a chegar às escadas para a adega. Adolfo devia estar impaciente.

Ubel sorriu. Não foi um sorriso indulgente, mas um sorriso de alívio. Adolfo fora brando de mais nos últimos meses, fora excessivamente... passivo. Bebia em excesso e deixara de exercitar a verga, o que o impedia de manter o vigor. A batalha que travara em Sylvalan no verão anterior deixara marcas, físicas e psicológicas. Ainda assim, talvez extrair uma confissão da prisioneira que tinham ali lhe devolvesse alguma força.

Quando Ubel entrou no confessionário, Adolfo voltou-se para ele. O Inquisidor-Mor, ou Flagelo das Bruxas, eram um homem encorpado, de meia-idade e calvo, com o rosto esguio de um filósofo, olhos castanhos e olhar manso, que nunca denunciava a argúcia do seu espírito, ou a intransigência da sua dedicação à obra que ocupara a maior parte da sua vida.

— Ah, Ubel — saudou-o Adolfo. — O meu braço esquerdo.

Havia uma mordacidade quase odiosa subjacente às suas palavras.

Ubel ignorou essa impressão. Que Adolfo quisesse ajuda para convencer uma bruxa a confessar os seus crimes era uma coisa. Era outra bem diferente constatar que precisava desse auxílio. A luta com a Ceifeira deixara-o com o braço esquerdo paralisado, inutilizável.

— O que deseja?

— Já arranquei o que pude a esta cabra — respondeu-lhe. — Não tem mais nada para nos contar. Leva-a para o Lugar Antigo onde a encontrei e solta-a.

Ubel olhou para a jovem Fae que o fixava com um olhar preñado de terror. Estava bem amarrada à mesa, logo não podia fazer nada para evitar os mimos necessários para lhe extraírem uma confissão completa.

— Duvido que ainda haja muitos Fae para a receberem nesse lugar — afirmou Ubel. Assegurara-se de que não havia. Depois de ter visitado o local com uma dúzia de inquisidores e de guardas locais, matara as bruxas que viviam no Lugar Antigo e fora esperar com os seus homens à saída da estrada resplandecente que levava a Tir Alainn. Quando esta começara a fechar-se, os Fae que, empurrados pelo pânico, a tinham utilizado para se refugiarem no mundo dos humanos, tornaram-se alvos fáceis de abater. Alguns tinham escapado às flechas, mas tinha sido muitos mais os que haviam morrido. A última que alcançara o universo dos humanos antes de o caminho se fechar fora aquela jovem Fae. Tinha-a detido e levado para a casa senhorial, onde Adolfo poderia interrogá-la.

— Não me importa se há, ou não Fae que a recebam — disse Adolfo. — Alguém há de encontrá-la mais cedo ou mais tarde. Servirá para avisar todos os habitantes de Sylvalan de que nem os Fae podem escapar à justiça dos Inquisidores.

Ubel anuiu com um aceno, sem desviar o olhar da mulher.

— Soltamos as amarras que lhe prendem as pernas quando chegarmos ao Lugar Antigo.

— É escusado. Ela pode soltar-se sozinha quando a deixarem lá.

Ubel contemplou as tiras de couro que prendiam as pernas da mulher. Olhou para as suas mãos, que Adolfo esmagara com um malho até partir os ossos todos e sorriu.

— Muito bem.

— Mas leva o freio com espigões quando saíres — replicou. — É escusado desperdiçarmos uma boa ferramenta e... — acrescentou, sereno — ... espero voltar a utilizar esse freio específico com outra cabra dos Fae.

Pelo canto do olho, Ubel viu Adolfo estremecer, registou o modo como o a mão do velho tremeu quando a passou pelos cabelos e compreendeu que Adolfo estava a pensar na Ceifeira. Tal como percebeu que fora ela o motivo pelo qual o Inquisidor-Mor não se atrevera a afastar-se daquela casa desde que voltara a Sylvalan, há semanas atrás, para supervisionar a eliminação metódica das bruxas.

— O conselho dos barões vai reunir-se no final da semana que vem — disse Adolfo, passado um instante. — Assim que te livrares desta cabra, quero que pegues em três Inquisidores e sigas para Durham. Está alerta. Fica atento. A intervenção que fizemos na primavera foi bem-sucedida e consolidou a posição dos barões orientais, firmou o seu apoio ao nosso objetivo de livrar esta terra de magia. Agora resta-lhes convencerem os outros barões de Sylvalan a seguirem o exemplo. Quero saber quais oferecem resistência, pois teremos de lidar com eles.

«E correremos as ruas de Durham, passando por turistas, ou comer-

cientes de Wolfram, tentando apanhar conversas alheias, em vez de podermos exigir respostas a quem quer que seja, independentemente da sua posição social.»

— Sim, senhor — replicou Ubel, arrependendo-se de ter aberto a boca naquelas circunstâncias específicas. O tom contrariado na sua voz não passaria despercebido ao Inquisidor-Mor.

— Tens algum reparo a fazer? — perguntou-lhe Adolfo, bruscamente. Ubel endireitou-se, antes de encarar o outro.

— É um insulto para a nossa grande obra que tenhamos de esconder a nossa identidade, que nos vejamos obrigados a entrar e a sair das aldeias pela calada, como se fôssemos reles gatunos.

Adolfo cravou o olhar nele durante tempo suficiente para o deixar constrangido. Então, disse suavemente:

— No ano passado, chegámos a esta terra como homens honestos, interessados em ajudar os barões a eliminarem a magia que impedia os homens de vingarem. Fizemos o que tínhamos a fazer abertamente, instruímos os aldeãos e os camponeses para que compreendessem a vileza das bruxas e o motivo pelo qual as outras mulheres têm de ser castigadas para não se deixarem seduzir pelo Grande Mal. Por termos cumprido a nossa missão às claras, morreram bons homens, Ubel, nomeadamente o meu sobrinho. Quando acabámos a primeira incursão, eu fui o único sobrevivente. — Tocou ao de leve com a mão direita no braço esquerdo. — E nem eu, o mais forte de nós, o Inquisidor-Mor, o Flagelo das Bruxas... nem eu escapei ileso. Assim sendo, desta vez temos de escolher outro método de ataque. Temos de ser cautelosos, cuidadosos. Temos de usar todas as nossas competências para prepararmos o terreno e o povo até estarem prontos para cederem a tudo o que temos para lhes ensinar. E hão de ceder, Ubel. Hão de ceder porque não haverá como voltar atrás. No entanto, até essa altura, recuso-me a entregar as vidas dos meus Inquisidores e confiar nas promessas dos barões de Sylvalan. Não voltarei a fazê-lo. Como tal, por enquanto, terás de conter a tua honestidade e de trabalhar em segredo.

Arrependido, Ubel olhou para o chão.

— Sim, senhor.

O Inquisidor-Mor dirigiu-se para a porta da câmara. Deu meia-volta e tornou a encará-lo.

— Mantém-me a par dos desenvolvimentos... e tem cuidado, Ubel. A presença dos Fae nesta terra torna a nossa missão duplamente perigosa.

O jovem levantou a cabeça, endireitou-se e encheu o peito, antes de dizer, convictamente:

— Vamos livrar o mundo de bruxas e dos Fae.

— Sim — afirmou Adolfo, dedicando-lhe um sorriso discreto, mas encorajador. — Vamos.

Ubel esperou até deixar de ouvir o som dos passos de Adolfo para devolver a atenção à mulher que se encontrava amarrada à mesa.

Os cabelos desta, agora sujos e emaranhados, eram predominantemente castanhos, embora tivessem madeixas mais claras, quase tão loiras quanto eram os dele. Os seus olhos eram de um azul mais esverdeado do que os dele e o seu rosto tinha traços tão invulgares que nunca seria considerada bela no meio dos humanos. Todavia, eram as orelhas pontiagudas o que revelava o animal subjacente àquela figura: o animal que a tornava inferior aos humanos e, portanto, dispensável. Não havia lugar no mundo para aquilo que os homens não podiam controlar, nem dominar. Isso implicava que o povo dela tinha de ser eliminado, pois os Fae nunca se deixariam subjugar pelos humanos.

Aquela mulher nem tinha uma posição particularmente significativa no seio do seu próprio povo. Quando Ubel mandara os seus colaboradores prendê-la, deixara cair o arco e despira o casaco, colocara-o sobre a cabeça dela, para a confundir, caso tentasse assumir a sua forma alternativa para escapar. Sentira um passarinho castanho a esvoaçar debaixo do casaco.

Um dos seus homens esvaziara um saco de provisões e tinham-na arrumado lá dentro. Sentira-a mexer-se, freneticamente, durante toda a viagem de volta à casa de campo.

Não passava de um passarinho castanho, insignificante mas possuidor de informação importante.

«— Reverte à tua forma humana — dissera-lhe Adolfo. — Só queremos falar contigo. Queremos compreender os Fae. Transforma-te, para podermos conversar, que logo te deixo ir embora.»

E ao fim de alguns maus-tratos, muito cantou aquele passarinho.

As bruxas não só eram essenciais para a manutenção da magia dos Lugares Antigos, como eram essenciais para manter abertas as estradas resplandecentes que os Fae usavam para acederem ao universo dos humanos. Assim sendo, fora por isso que, depois de as feiticeiras terem sido eliminadas de Wolfram, os Fae haviam desaparecido de lá. Destruindo as primeiras, os Inquisidores destruiriam também os segundos, eliminando ambas as criaturas cuja presença ameaçava a capacidade que os homens tinham para governar.

Ubel virou costas à Fae, dirigiu-se para a corda da sineta e puxou-a de modo a produzir a sequência de toques que indicaria aos seus ajudantes que deviam apresentar-se. Deixaria os ajudantes levarem a mulher para a carroça, enquanto ele se preparava para a viagem com destino a Durham.

Ubel seria os olhos e os ouvidos de Adolfo. Seria o braço esquerdo do

Inquisidor-Mor. Colocar-se-ia em condições de averiguar quais dos barões poderiam pôr em risco os planos que o Inquisidor-Mor tinha para aquela região.

CAPÍTULO CINCO

Lyrra seguiu atrás do cavalo de carga que Aiden conduzia a pé. O caminho escolhido para atravessarem a floresta, depois de terem deixado a estrada principal, não tinha largura suficiente para cavalgarem lado a lado. Antes assim.

Tinha vontade de chorar. Deixou fugir uma lágrima que lhe deslizou pela face abaixo. Limpou-a com uma mão, recusando-se a ceder à angústia. Aiden também devia estar em franco sofrimento, mas ambos tinham de permanecer alerta.

A magia daquele Lugar Antigo estava a esmorecer rapidamente. Isso implicava que as bruxas que antes moravam ali tinham morrido. Quando as Filhas da Casa de Gaian abandonavam um Lugar Antigo, para fugirem de quem lhes quisesse mal, a magia dissipava-se a pouco e pouco. Sendo Fae, tinha o condão de sentir a diferença entre essas duas situações.

Depois de terem avançado o suficiente para perceberem essa diferença, Aiden hesitara em seguir viagem, em continuar até ao centro do Lugar Antigo. Lyrra, por seu turno, insistira que tinham de descobrir se algum dos Fae cujo território estava ligado àquele local tinha conseguido fugir de Tir Alainn antes de a estrada resplandecente através do Véu se ter fechado, impedindo os membros desse clã de alcançarem o mundo humano... e até de contactarem o seu povo.

O vento mudou ligeiramente de direção, trazendo-lhes o cheiro de corpos e de carne em decomposição

Aiden puxou de súbito as rédeas, atento a um aglomerado de árvores mortas que teriam de atravessar para seguirem caminho.

Lyrra contemplou as árvores vizinhas daquelas. O que seriam os corpos escuros que estavam agarrados aos ramos?

— Lyrra — disse-lhe, em voz baixa, prenhe de tensão. — Leva daqui a égua. Volta pelo mesmo caminho, o mais depressa possível. Temos de voltar à estrada principal, ou de encontrar um prado, terreno aberto. Qualquer sítio onde o sol chegue.

— Aiden...

Alguns dos corpos escuros desprenderam-se das árvores, abriram asas parecidas com as dos morcegos e voaram a direito para eles.

Caçadores noturnos!

Lyrra mudou a égua de direção. A montada não precisou que ela in-

sistisse para galopar impetuosamente por onde tinha vindo. Os cascos dos cavalos dos Fae não fazem barulho e não conseguiu perceber se o castrado de Aiden e o cavalo de carga iam atrás de si; ouvia apenas os guinchos cobiçosos e raivosos das criaturas que os Mantos Negros criavam quando pervertiam a magia dos Lugares Antigos. Os caçadores noturnos eram carnívoros, eram devoradores de almas.

«Sol, sol», repetiu Lyrra para si própria, sem emitir qualquer ruído. Tinham de sair das sombras da floresta. Os caçadores noturnos não gostavam de sol. Porque não tinha ela cedido à relutância de Aiden em entrar naquele Lugar Antigo? O Bardo passara quase um ano em viagem e teria visto muitos mais lugares daqueles que haviam sido despidos de magia do que ela nas poucas semanas que o acompanhara.

Ele ia atrás da Musa, mais próximo do que esta do perigo que os perseguiu. Se lhe acontecesse alguma coisa por ela ter insistido...

Subitamente, a égua virou para a esquerda e só por pouco não projetou Lyrra para fora da sela. Agarrou-se com toda a força às rédeas, permitindo que a montada escolhesse o caminho e esperando que os instintos desta os levassem para porto seguro a tempo.

Pareceu-lhe que tinham fugido horas a fio, quando a égua deslizou por um barranco abaixo e chapinhou através de um riacho baixo para chegar à outra margem.

Instantes mais tarde, saíram a galope do arvoredado e alcançaram um prado soalheiro.

«Obrigada, Mãe», pensou Lyrra, ao puxar as rédeas para a égua abrandar. «Obrigada.»

Nessa altura, olhou para trás, contando encontrar ali Aiden. Não viu nada senão árvores.

Parou a égua. Desceu da sela. Fixou o olhar no arvoredado.

Atrás de si, um cavalo relinchou para a saudar.

Lyrra deu meia-volta e avistou a mulher morena que vinha ao seu encontro.

«Não», pensou a Musa, deixando-se ir abaixo. «A Morag, não. A Ceifeira não pode aparecer agora. Vai-te embora! Ele não precisa de ti! Ainda não é a hora dele! Aiden!»

— Lyrra? — disse a recém-chegada, descendo tão depressa do cavalo que tropeçou, antes de recuperar o equilíbrio e correr os metros que faltavam para chegar onde a Musa se sentara no chão. — Lyrra? Estás ferida?

Olhou para a mulher que agora se ajoelhava a seu lado. Tapou a boca com uma mão para conter o pranto. Se o deixasse sair, não sabia se alguma vez pararia.

Não era Morag. Aquela era Morphia, a irmã da Ceifeira. Chamavam-lhe Irmã do Sono e Senhora dos Sonhos.

— Estás ferida? — insistiu Morphia.

Lyrra abanou a cabeça.

— Estás sozinha?

— Eu... — «Não sei!» — O Aiden...

Morphia olhou em volta.

— Deve ter saído da floresta por um caminho diferente. É ele quem vem ali, não é?

A Musa voltou-se e viu-o trazer os cavalos a galope na sua direção.

— Aiden! — gritou. Levantou-se, apressada, e correu ao encontro dele.

O Bardo mal esperou que a sua montada parasse para saltar da sela e se apressar a ir para junto dela. Envolveu-a com os braços. Apertou-a com força.

— Estás bem? — perguntou-lhe, enrouquecido, beijando-a na face, no pescoço, beijando-a em todos os sítios que pudesse sem a largar.

— Está tudo bem. Tudo bem. E tu?

— Também.

A Musa recuou o suficiente para o beijar de verdade, olhou-o nos olhos, e deu-lhe um empurrão que o espantou quanto bastasse para a soltar e dar um, ou dois passos atrás. Lyrra sentiu-se dominada por uma fúria doce e intensa.

— Fizeste de propósito, não fizeste? — gritou. — Seguiste por aquele caminho para os caçadores noturnos te perseguirem e se esquecerem de mim, não foi?!

— Claro que não — respondeu, convicto. Passou com uma mão pelos cabelos escuros. — Pelas tetas da Mãe, Lyrra, desapareceste por aquele trilho tão depressa que não tive maneira de te acompanhar. Assim sendo, continuei pelo mesmo caminho até poder virar no mesmo rumo que tu.

— Com aqueles caçadores a perseguirem-te de perto!

Viram-se faíscas de raiva no azul dos olhos dele.

— Deixaram de me perseguir quando desapareceste. Julguei que tinham ido atrás de ti!

Aiden era o Bardo. As mentiras caridosas saíam-lhe com facilidade, quando queria. Estava a mentir-lhe agora. Se realmente achasse que os caçadores tinham ido atrás dela, teria abandonado o cavalo de carga e seguido pelo mesmo trilho que Lyrra. No entanto, um homem e dois cavalos prometiam maior retorno do que uma mulher com um só, principalmente quando pareciam mais fáceis de apanhar.

A fúria da Musa, diluída pelo medo e o alívio, desapareceu.

— Guarda essas mentiras e esses sacrifícios para...

— Para! — disse Morphia, aproximando-se depressa. — Parem!

Ouvindo a angústia subjacente à raiva da outra, Lyrra mordeu a língua, para se impedir de lhe dizer que não se metesse em discussões particulares.

— O que se passa convosco? — quis saber a Senhora dos Sonhos. A sua voz tremia, descontrolada. — Estão cara a cara com a pessoa que vos é mais querida, sabem que ela está bem, ilesa, em segurança e só sabem discutir?

Tapou a boca com uma mão e voltou-lhes as costas.

Lyrra olhou para Aiden. Juntos, aproximaram-se de Morphia e o Bardo passou os braços à volta dela, à medida que a Musa lhe fazia festas nos cabelos.

— Não tiveste notícias da Morag? — perguntou ele, em voz baixa.

— Nenhumas. O Lucian e a Dianna cumpriram a ameaça. Ela foi rejeitada por todos os clãs e nenhum deles me diz se foi visitá-lo. Ninguém admite que a viu. A minha irmã disse-me que tinha uma missão para cumprir, por isso separámo-nos poucos dias depois de termos deixado a quinta do Ahern. Eu voltei par junto do nosso clã. Não voltei a vê-la desde então. Sabia que ela não iria ter com nenhum dos clãs do Sul, por estarem demasiado próximos da Dianna e do Lucian. Procurei-a junto dos clãs do Centro e do Norte de Sylvalan. Julguei que pudesse ter voltado para o Leste, por ser aqui que se vive a situação mais problemática, portanto...

— As mulheres não podem viajar em segurança no oriente, principalmente sozinhas — afirmou Aiden, severo.

— Bem sei — respondeu-lhe, com amargura. — Visitei um sítio... — proseguiu, baixinho. — Fui lá chamada por sentir que havia tanta necessidade da minha presença, que não podia ignorá-la. Encontrei muitas mulheres a chorarem por ajuda. Vi ali muita angústia e muito medo. Pressenti o sonho delas, ajudei-as a dar-lhe corpo, vi-o como se estivesse fora do meu alcance. Passei lá tanto tempo quanto me atrevia a passar para alimentar a magia que lhes permitiria sonharem juntas, por saber que essa força esmoreceria assim que me fosse embora, mas estava ciente de que tinha de me afastar das terras do leste, tinha de fugir do que quer que os humanos estão a fazer por lá.

Lyrra esboçou um sorriso vacilante para Aiden e soltou-se dos braços dele.

— Para onde vais agora? — indagou Lyrra. — Vais voltar para o teu clã?

Morphia abanou a cabeça.

— Vou procurar a Morag. Vou visitar os clãs ocidentais.

A Musa olhou para o Bardo e ficou aliviada por constatar que ele se mostrava tão espantado quanto ela se sentia.

— Mas... Morphia... — começou Lyrra — ... estás a falar dos clãs do ocidente.

Eram clãs que os outros Fae evitavam sempre que possível, por sentirem que esses primos tinham algo que os deixava constrangidos.

O olhar de Morphia encheu-se de determinação.

— Eu sei que eles são... diferentes... de nós. Talvez sejam tão diferentes que não cumpram os ditames do Lucífero e não rejeitem a Morag por ter feito aquilo que tinha de fazer. Além disso, é a única região onde ainda não a procurei, logo é para lá que vou.

— Porque não nos acompanhas durante algum tempo? — perguntou Aiden.

— Vão para sul?

Ele abanou a cabeça.

— Para norte.

— Nesse caso, agradeço o convite, mas não. Vou seguir para sul até encontrar uma estrada resplandecente através do Véu. Chegarei mais depressa ao destino se fizer o resto da viagem em Tir Alainn. — Deu meia-volta e encaminhou-se para o seu cavalo, antes de tornar a virar-se para eles. — Hei de encontrá-la. Não vou desistir dela só porque o Lucian e a Dianna querem castigá-la por ter feito o que estava correto.

— Não importa se estava correto — disse Aiden. — Os Fae que a rejeitaram continuam a dormir de consciência tranquila.

Morphia deitou-lhe um olhar estranho.

— Alguns deles já não dormem tanto assim. — Levantou uma mão para se despedir. — Tenham bons sonhos.

Lyrra sentiu-se atravessada de alto a baixo por um arrepio. Não lhe tinha ocorrido que a Irmã do Sono pudesse ter uma faceta sinistra.

— E se os sonhos não forem bons?

— Nesse caso, se estivesse no vosso lugar, tentaria compreender que mensagens estariam a transmitir-me.

Aiden traçou um braço à volta da cintura da Musa. Esta encostou-se a ele e ficaram a ver Morphia subir para o dorso do cavalo e partir.

— Vamos para longe daqui — disse o Bardo.

Lyrra não se opôs, não o lembrou de que não tinham chegado a descobrir se algum Fae chegara ao mundo dos humanos antes de a estrada resplandecente se ter fechado.

Quando se montou na sua égua, percebeu de súbito o porquê de Aiden se ter mostrado menos preocupado neste caso. Devia ter passado por aquele local no verão anterior, quando saíra de Ridgeley e deixara Brightwood para trás. Devia ter avisado o clã cujo pedaço de Tir Alainn estava vinculado àquele Lugar Antigo. Devia ter-lhes chamado a atenção para o perigo dos Mantos Negros. Devia ter-lhes explicado quem eram as bruxas e o motivo por que tinham de ser protegidas.

Ainda assim, aquelas bruxas haviam morrido. Apesar de tudo o que ele tivesse tentado exprimir, ou fazer, as feiticeiras tinham falecido. Dadas as circunstâncias, seria de admirar que ele sentisse que o dito clã merecera a sorte que lhe calhara?

Fazendo um esforço por não ocupar mais espaço do que aquele que lhe competia na cama estreita, Aiden deixou-se ficar a olhar para o teto do quarto exíguo. Estando a janela aberta, ouvia as vozes dos homens na taverna ao rés do chão. Devia estar lá em baixo com eles, a tocar harpa, a cantar as suas cantigas, a inteirar-se das notícias e dos boatos relacionados com a atualidade das outras aldeias. Não tinha disposição para fazer isso nas circunstâncias atuais, portanto pagara pelo quarto, a refeição e o abrigo para os cavalos com o dinheiro que lhes restava e que se estava a reduzir num instante. Não seria possível encher a carteira com moedas dos cofres do clã. Se ainda houvesse cofres nos territórios dos clãs que haviam desaparecido de Tir Alainn, eram-lhe tão úteis como seriam se estivessem na Lua, ou no leito marinho, tal era a dificuldade em alcançá-los.

As bruxas estavam a morrer. Tinham-se perdido mais Filhas da Casa de Gaian. E a presença de caçadores noturnos indiciava que os Mantos Negros não haviam sido expulsos de Sylvalan, como o Bardo esperava que tivesse acontecido depois de não se ter cruzado com eles durante os meses de inverno. Se o tivessem sido, tinham voltado. A ser verdade, o que poderia ele dizer que não tivesse dito antes para convencer os Fae a darem-lhe ouvidos, a atentar nos seus avisos? Se não lhe dessem ouvidos a ele, que era o Bardo, haveria alguém, senão o Lucífero e a Caçadora, que não ousariam ignorar?

Havia uma pessoa. Teria de pensar nessa possibilidade. Teria de refletir muito sobre esse assunto. No entanto, por agora...

Voltou a cabeça e olhou para Lyrra, que estava deitada de costas para ele. Como amante, de acordo com a tradição dos Fae, poderia simplesmente ter-se ido embora, oferecendo-se para regressar quando e se ela pretendesse voltar a recebê-lo na cama. Como Bardo, poderia ter discutido acaloradamente com a Musa sobre qual dos dois tinha razão para protestar aquando da passagem pelo Lugar Antigo. Como marido, tinha a sensação angustiante de que devia pedir-lhe desculpa, mas nem sequer compreendia o mal que fizera para precisar de perdão.

— Teria ido atrás de ti se pudesse — segredou. — Sinceramente, não sabia ao certo para onde tinhas ido e passei pelo trilho tão depressa, que não seria seguro voltar atrás.

— «Atrás de mim» — resmungou Lyrra.

Aiden encolheu-se em resposta à fúria manifesta na voz dela.

A Musa voltou-se para ele e apoiou-se com um cotovelo na cama, para o olhar de cima.

— Querias ir atrás de mim para, se aquelas criaturas nos tivessem apanhado, te poderem atacar em vez de me atacarem a mim.

— Não foi essa a minha ideia — protestou. Pelo menos, não a teve conscientemente.

— Não podemos dar-nos ao luxo de perdermos o Bardo.

Aiden voltou a concentrar-se no teto, sem entender porque as palavras dela o teriam magoado tanto.

— Teria aparecido outro que ocupasse o meu lugar.

— Nunca te substituiria na minha vida — respondeu-lhe, em voz baixa. Levantou uma mão e pousou-a no peito dele, por cima do coração.

— Algum dia hei de ter palavras para te dizer o que me custou chegar ao sol, em segurança e perceber que não estavas lá. Algum dia saberei contar-te o aperto que tive no peito quando dei por mim sozinha naqueles instantes, sem saber se voltarias para junto de mim. Algum dia te direi. Hoje, não.

Beijou-o com um carinho que o levou a esquecer todas as canções que aprendera. Estendeu um braço para ela, mas hesitou. Recolheu-o para ganhar fôlego e disse:

— Lyrra...

A Musa sorriu-lhe; então, desfez o feitiço com que os Fae se disfarçam para revelar o seu rosto verdadeiro, a beleza ferina do seu povo. De súbito, pareceu-lhe uma criatura estranha e selvagem, que o assustava um pouco e o entusiasmava muito mais.

— Isto é algo que os maridos e as mulheres costumam fazer — disse Lyrra, estendendo-se sobre o corpo dele. — Hoje tivemos uma discussão, não é verdade?

— Tivemos? — Aiden não se lembrava, enquanto a olhava nos seus olhos castanho-esverdeados, não conseguia lembrar-se.

— Pois foi — replicou. — E quando marido e mulher brigam, têm de fazer as pazes.

— Têm?

— Têm. — Mordiscou-lhe o queixo. — Sendo assim, vamos fazer as pazes e vais-me mostrar que ainda estás inteiro.

O Bardo interrogou-se, por instantes, se seria por causa do perigo que haviam enfrentado no Lugar Antigo, ou pelo facto de ainda se encontrar dissimulado com o disfarce que lhe dava um rosto humano, que ela se mostrava tão agressiva e exigente. Então, beijou-o e Aiden deixou de se preocupar com a razão por trás daquela atitude.

— Tentemos não destruir a cama — soprou.
Lyrra voltou a beijá-lo e até a solidez da cama deixou de o preocupar.

CAPÍTULO SEIS

Por momentos, Liam hesitou, antes de bater à porta da sala onde a sua mãe costumava passar a manhã. Entrou na divisão e viu-a sentada à escrivaninha, a escrever daquele modo apressado, mas cuidadoso, que a caracterizava.

— Dá-me um instante, por favor — disse ela, distraída.

— Com certeza.

Liam sorriu e deu uma volta à sala, enquanto ela acabava de redigir a carta. O seu pai ficava sempre profundamente indignado quando Elinore não largava o que estava a fazer para lhe dar toda a atenção. Assistira a algumas discussões acesas sobre o valor do trabalho que ela fazia em prol da aldeia e da herdade, quando comparado com a compreensão que devia ao seu marido quando este barafustava por as suas botas não estarem tão bem engraxadas quanto se impunha. Liam não tinha qualquer dúvida a respeito daquilo que o seu pai considerava mais importante.

Elinore pousou a caneta e voltou-se para lhe dedicar um sorriso.

Há muito tempo que não a via tão descontraída e, recentemente, a mãe começara a sorrir-lhe muitas vezes. Passara a fazê-lo desde que o filho visitara o Lugar Antigo e se apresentara às bruxas que ali moravam.

«— Hoje cruzei-me coma Nuala.

»— Ai foi?

»— Disse-me que ontem passaste pelo Lugar Antigo. Também me aconselhou, discretamente, a ficar aqui na herdade. Disse que quem se presta a andar às turras com a Breanna merece ser recebido com compreensão quando chega casa.»

Resmungara que não tinham andado às turras, mas desconfiava que Nuala, que decerto conhecia muito bem a sua neta, tinha alguma razão. Conversar com Breanna era como lidar com um touro: quem não tivesse cuidado, teria de se habituar a ser atropelado com alguma regularidade.

— Do que precisas, Liam? — perguntou-lhe Elinore.

Na verdade, não era nada de mais, mas de súbito sentiu-se constrangido.

— O conselho dos barões vai reunir-se no final da semana.

— Compreendo — replicou, em voz que não o deixou adivinhar como a mãe reagira àquela informação. — Nesse caso, vais partir daqui a alguns dias.

— Amanhã. Assim, tenho tempo de tratar de alguns assuntos em Durham, antes de o conselho se reunir. — «Não vou ter com uma amante», apeteceu-lhe gritar quando viu o modo como o rosto dela se fechou. «Mesmo que fosse passar algum tempo com uma mulher qualquer, não estaria a desrespeitar voto nenhum, visto que não sou casado.» — Queres que te traga alguma coisa de lá?

— Não, obrigada.

— Precisas de livros? — insistiu. Elinore adorava ler.

A mãe abanou a cabeça, mas hesitou.

— Bem... talvez possas trazer um livro de histórias adequado para a Brooke.

Liam aproximou-se da cadeira, ajoelhou-se ao lado dela e pousou uma mão ao de leve sobre o braço da mãe. Elinore arregalou os olhos e o filho interrogou-se se iria ralhar com ele por se ajoelhar a seu lado agora que era o barão. Vontade não lhe faltava. Notava-se pelo modo como travou ligeiramente a língua entre os dentes, para se impedir de fazer comentários. Liam riu-se para ela e provocou-a:

— Então... Seria uma pena se eu passasse por uma livraria e só comprasse um livro. Não queres nem um para ti?

A mãe desviou o olhar e as suas faces ficaram ligeiramente coradas.

— Há alguns meses, constou que a Moira estava prestes a lançar um livro novo e até gosto das histórias dela, não só por ser minha prima.

— Fica combinado. — Deu-lhe um beijo na bochecha e levantou-se.

— É melhor ir tratar dos preparativos, para partir amanhã de manhã, cedo.

Ficou satisfeito por ela não lhe ter perguntado quais seriam os preparativos. Não sabia como explicar-lhe a decisão que tomara.

Ao sair de casa, com intenção de ir aos estábulos, para mandar aparelhar Oakdancer, avistou um jovem a aproximar-se a cavalo e ficou à espera dele.

O homem saudou-o com um braço levantado.

— Bom dia, meu senhor.

— Bom dia — respondeu-lhe.

— Pode indicar-me onde fica a parte mais antiga de Willowsbrook?

Quando perguntei na aldeia, encaminharam-me para aqui, mas não estou no sítio certo. Há alguns anos que não vou lá e, pelos vistos, já me esqueci do caminho.

Há uns anos, o homem que agora estava à sua frente seria apenas um menino, certamente demasiado novo para trabalhar como mensageiro. Isso implicava que estava a mentir sobre a sua visita anterior ao Lugar Antigo, o que deixou Liam de pé atrás.

— O que vai fazer lá?

— Peço desculpa, meu senhor, mas isso não lhe diz respeito.

— Sou o Barão de Willowsbrook — esclareceu Liam, pondo de parte a cortesia. — Assim sendo, diz-me respeito.

O jovem empalideceu ligeiramente.

— Trago uma mensagem para uma das senhoras que lá moram.

— Qual delas?

Porque estaria Liam a insistir? Na verdade, o assunto não lhe dizia respeito. Se o outro não tivesse começado por mentir, talvez se houvesse limitado a indicar-lhe o caminho e a deixá-lo seguir viagem.

— A Senhora Nuala.

Liam estendeu-lhe uma mão.

— Vou agora para lá. Comprometo-me a entregar a carta.

O jovem empalideceu um pouco mais.

— Tenho ordens no sentido de a entregar em mão à Senhora Nuala.

Não se pode dizer que seja nada de importante — acrescentou, precipitado. — O barão deve saber que por vezes as senhoras insistem que as suas cartas cheguem ao destinatário certo, embora me transcenda o porquê de se preocuparem tanto com isso. A minha irmã é muito esquisita com esses assuntos. Uma vez, encontrei uma carta que uma amiga lhe tinha escrito. Ainda por cima, era para ser entregue em mãos e pensei... Bem, na altura eu ainda era muito tenrinho. Em todo o caso, lá estava a carta, meu senhor, tinha quatro páginas cheias de pormenores sobre fitinhas, o tamanho de esta e daquela manga, além das várias tonalidades de verde necessárias para fazer um bordado. Quatro páginas! E elas, tanto a minha irmã como a amiga, faziam sempre questão de que as suas cartas fossem entregues como se impunha.

— Talvez fossem assim porque a amiga da sua irmã também tinha um mano mais novo — replicou Liam, com frieza. O homem estava a mentir-lhe com todos os dentes. Decerto estava a falar verdade quando lhe dissera que tinha uma irmã, o que só tornava a mentira sobre a irrelevância da carta que trazia ainda mais grave. O que quer que tivesse para entregar a Nuala, não lhe convinha que ninguém soubesse do assunto, tão-pouco que pudesse imputar-lhe responsabilidades, e ocorreu a Liam que a preocupação de Elinore com a necessidade de proteger as bruxas talvez tivesse razão de ser.

— Muito bem — disse o barão. — Visto que vou para aqueles lados, acompanho-o. Venha atrás de mim.

— Sim, senhor.

Insatisfeito com os desenvolvimentos, embora tentasse escondê-lo, o jovem esperou que Arthur preparasse Oakdancer. Assim que Liam se instalou na sela, partiram mudos para o Lugar Antigo.

...

— Breanna!

Protegendo os olhos do sol, Breanna olhou para a governanta, que estava debruçada de uma janela no andar de cima.

— Glynis?

— Vêm aí visitas. É melhor prepararem-se.

Perguntando-se se isso seria uma sugestão no sentido de substituir a túnica e as calças que vestira para trabalhar, ou simplesmente um aviso, Breanna encolheu os ombros e dirigiu-se para o arco de pedra. Não teve qualquer dificuldade em reconhecer Liam e Oakdancer, mas demorou a identificar o outro homem.

A poucos metros da propriedade, os homens pararam.

— Bom dia, minha senhora — disse Liam.

«Ter-se-á esquecido de como me chamo?», interrogou-se Breanna.

Foram o olhar de soslaio que de ele deitou ao outro homem e a rigidez da sua postura, como se estivesse pronto para lutar, bem como a interrogação que lhe transpareceu nos olhos e pareceu dirigida à irmã, que lhe indicaram que Liam não estava disposto a dizer ao desconhecido como ela se chamava. Também se tornou evidente que daria cabo da vida daquele forasteiro se ela sequer sugerisse que havia motivos para isso.

Num rasgo de lucidez, Breanna percebeu que Liam reagiria da mesma maneira se um desconhecido abordasse a sua irmã mais nova, Brooke. Aquela atitude não se devia ao facto de ser um barão, embora ela não duvidasse de que o irmão daria utilidade aos poderes que o título lhe conferia. Devia-se ao facto de ser o seu mano mais velho.

Sem saber como reagir a isso, visto que a satisfação e a confusão circulavam dentro dela em igual medida, voltou-se para o outro e perguntou-lhe:

— Primo Rory?

O jovem ficou mole, aliviado.

— Fico contente por a encontrar, prima Breanna.

Ela semicerrou os olhos e pôs as mãos nas ancas.

— Porquê?

— Realmente devia explicar — resmungou Rory. — O pai enviou uma carta e alguns artigos para a Nuala, pediu-me que lhe entregasse tudo em mão.

— Nesse caso, podes entrar pela porta da cozinha, como o resto da família — respondeu-lhe, em tom brincalhão.

Rory dedicou-lhe um sorriso, passou com os dedos ao longo da pala da boina, em jeito de saudação para Liam, e passou com o cavalo por debaixo do arco.

— É escusado convidá-lo a entrar pela porta da frente — comentou Breanna, aproximando-se de Liam, enquanto este descia da sela. — Em todo o caso, havia de ir direitinho para a cozinha, sem se lembrar de limpar os sapatos no tapete e depois a Glynis desatava a correr atrás dele, de vassoura em riste, por ter sujado o chão que ela esteve a limpar.

Liam ficou especado a olhar para a irmã.

— Nunca foste perseguido por uma mulher furibunda, de vassoura em riste — concluiu ela.

— Não — admitiu Liam, a medo. — Nunca tive esse prazer.

Breanna olhou para as botas dele.

— Se quiseres experimentar, basta entrares pela porta principal sem limpares os pés.

— Eu sou o Barão de Willowsbrook.

— Dos tornozelos para cima, és o Barão de Willowsbrook. Daí para baixo, és um par de botas sujas a deixar pegadas no chão limpo. Adivinha a qual das duas partes a Glynis dará mais importância?

— Se não te importares, fico aqui mesmo — murmurou Liam. Ficou pasmado por parte do seu ser querer descobrir se uma mulher seria mesmo capaz de correr um barão à vassourada por ter sujado o chão.

— Então? — perguntou Breanna, interrogando-se onde ele teria a cabeça. — Além de teres vindo acompanhar o Rory contra a vontade dele, o que te traz aqui?

— É verdade que ele tem uma irmã que escreve cartas intermináveis sobre fitinhas e o comprimento ideal das mangas?

Olhou-o com mais atenção. Não tinha ar de quem tivesse levado um coice do garanhão, mas não estava segura de que ele não levara uma pancada na cabeça.

— Realmente tem uma irmã, um ano mais nova do que eu. Nunca me constou que escrevesse cartas sobre mangas e fitinhas, mas se cometeres o erro de lhe perguntares, acredito que te possa escrever uma ou duas páginas sobre quais as penas mais indicadas para se afiar de modo a assentar números nítidos nas colunas de um livro de contas — replicou, encolhendo os ombros.

— Que a Mãe nos livre e guarde — disse ele, e começou a fazer festas no pescoço do seu cavalo.

— Liam? — perguntou Breanna, com cautela. Realmente estava a ficar preocupada com ele.

— Sim?

— Vieste cá.

— Pois.

— Porquê? — perguntou-lhe, em voz que saiu mais ríspida do que

pretendia, mas que, pelo menos, chamou a atenção de Liam e fez com que ficasse mais concentrado.

— Ah. Amanhã parto para Durham e vou passar lá alguns dias... hum... Lembrei-me de perguntar se queres que te traga alguma coisa.

Deitou-lhe o olhar mais doce de que era capaz, com os olhos bem abertos, embora não lhe tenha parecido que conseguira o efeito desejado, visto que o rosto do irmão empalideceu gradualmente.

— Quer dizer que estarias disposto a ir comprar fitinhas e rendinhas se te pedisse?

«Estás a ser má, Breanna», censurou-se ela. «Se o rapaz desmaiar aos teus pés, a culpa é toda a tua.»

Liam pigarreou.

— Eu... Se isso te fizer falta...

Estava mesmo disposto a isso. Estava também com um ar desconsolado e provavelmente arrependido de se ter oferecido, mas predisposto a fazê-lo.

— Porque farias isso?

— És minha irmã e...

Breanna endireitou-se.

— Julgava que tínhamos chegado a outra conclusão há uns dias.

— Chegámos à conclusão de que não admitirias que o meu pai também foi teu. Não me disseste se me reconhecerias, ou não, a mim.

Se o aceitaria como o quê? Como irmão? O antigo barão tinha variadíssimos filhos ilegítimos que teriam todo o gosto em reconhecer que Liam era seu irmão. Porque teria ele interesse em que ela admitisse isso, e não os outros?

— Tenho de pensar sobre esse assunto, Liam — replicou, baixinho. — Durante muitos anos só pensei em ti como filho do barão e isso nunca me deu a sensação de que éramos da mesma família. Preciso de pensar melhor.

Liam acenou com a cabeça.

— Agradeço-te, mas não precisamos que tragas nada de Durham. Temos parentes que são comerciantes, por isso não nos é difícil arranjar nada que não encontremos à venda na aldeia. — Ele mostrou-se tão desalentado, que acrescentou, hesitante: — Talvez me possas trazer um livro.

O sorriso de Liam demorou a desenhar-se nos seus lábios, mas ajudou a desfazer um aperto estranho que surgira no peito dela.

— Acho que consigo escolher um livro para ti — afirmou. — Não te tiro mais tempo, que tens trabalho para fazer. — Subiu para o dorso de Oakdancer e olhou para ela. — Tem um bom dia, Breanna.

— Que a Mãe te abençoe.

Deixou-se ficar onde estava, a vê-lo afastar-se até o ter perdido de vista.

«Vou pensar nisso, Liam. Não sei se te darei a resposta que parece querer e não compreendo o porquê dessa tua vontade, mas vou ponderar sobre o assunto.»

Quando voltou para dentro de casa, Rory levantou o olhar da sopa e do pão que estava atarefado a devorar.

— A Nuala quer falar contigo na sala de estar.

— Não fales com a boca cheia — disse Breanna, ao entrar na cozinha.
— Ainda te podes engasgar.

Encontrou Nuala à beira de uma janela, a olhar para a paisagem. Numa mesa a seu lado, estavam uma carta e dois sacos grandes, que deviam ter vindo no alforge de Rory.

— Algumas primas nossas vêm visitar-nos no verão — anunciou Nuala, em voz baixa.

Breanna deu uma vista de olhos à carta.

— Já sabíamos disso. Vêm cá passar o Solstício.

— Creio que virão mais cedo. O Trevor teve tanto cuidado com o que escreveu quanto com aquilo que omitiu. Lendo nas entrelinhas, parece-me que está preocupado com as decisões que podem vir a sair da próxima reunião do conselho dos barões e quer que as meninas estejam longe quando forem anunciadas as novas leis. Também nos enviou moedas de ouro e de prata para aguentarmos um ou dois anos, se vier a ser preciso.

— Se os barões redigirem leis novas, serão aplicáveis a todo o território de Sylvalan, não só à parte oriental.

— Ainda estamos muito longe dos problemas que afetam o oriente. — Nuala virou costas à janela e encarou Breanna. — Além do mais, moramos no sopé das Montanhas da Mãe, onde sabes que nenhuma lei emitida pelos barões fará a mínima diferença.

— Pois sei — replicou. Respirou fundo e expeliu o ar todo de um só bafo. — É melhor ir ajudar a Glynis a preparar tantos quartos de hóspedes quanto for possível.

Nuala limitou-se a acenar com a cabeça e voltou-se uma vez mais para a janela, tornando a contemplar a paisagem.

Até ao fim daquele dia, enquanto ajudava Glynis a preparar os quartos, os pensamentos de Breanna concentraram-se numa só ideia: Liam era membro do conselho dos barões e, se se adivinhassem problemas para a família dele, não tardaria a avisá-la.

CAPÍTULO SETE

— A Senhora Morag viu a Ashk?

Morag atentou no jovem apressado que se aproximava. Não se recordava do nome dele, mas já o vira com o grupo de adolescentes que Ashk apelidava carinhosamente de «bando».

— Está na casa do clã — respondeu-lhe.

O jovem fez um sorriso rasgado.

— Queria avisá-la, antes que fosse tarde. Está prestes a ter visitas.

Tocou com dois dedos na fonte, despedindo-se dela com uma contidência brincalhona, antes de seguir em passo de corrida pela vereda que levava à casa do clã.

Morag continuou pelo carreiro fora, afastando-se mais um pouco da residência. Parou. Olhou para trás.

Rodando, vagarosa, sobre si própria, deixou que o seu dom como Ceifeira a dominasse e pôs-se à escuta.

A Morte murmurava sempre na floresta, tal como a vida. Porém, não ouviu dela nenhum sussurro que lhe dissesse que precisava dos seus préstimos. Em todo o caso, tinha de refletir melhor sobre o sorriso que vira nos lábios do jovem e também sobre o facto de Ashk se ter mostrado estranhamente distraída, enquanto lhe dava a conhecer alguns dos caminhos que atravessavam aquele arvoredo. Também não pudera deixar de estranhar o facto de ela a ter abandonado, abruptamente, cerca de uma hora atrás, com o pretexto de ir «tomar banho».

Quem seria o visitante cuja chegada tinha importância suficiente para que a Senhora das Florestas daquele clã se sentisse obrigada a apresentar-se ao seu melhor estilo para recebê-lo?

Morag teve um calafrio. Ocorriam-lhe dois Fae cuja vinda poderia causar algum rebuliço junto dos membros do clã: a Caçadora e o Lucífero. A Senhora da Lua e o Senhor do Sol, ou Senhor do Fogo.

Estariam Dianna e Lucian dispostos a visitar um clã ocidental? Os outros Fae de Sylvalan tendiam a evitar a todo o custo os primos do ocidente. Não havia razão para esses dois visitarem o local. A não ser que, de algum modo, lhes tivesse constado que Ari ainda estava viva e morava agora naquele Lugar Antigo.

No entanto, o sorriso do jovem não a largava, tão-pouco o interesse de Ashk em apresentar-se ao seu melhor estilo. Tendo em conta a opinião

que esta tinha sobre Lucian e de Dianna, Morag não acreditava que fizesse qualquer esforço especial em honra deles.

Assumi a sua outra forma, abriu as asas negras, de corvo, e sobrevoou a vereda rumo à casa do clã.

Só para ter a certeza. Só para confirmar. Assim que verificasse que os visitantes não representavam qualquer perigo para Ari e Neall, voltaria para casa destes.

«Assim que satisfizeres a tua própria curiosidade», admitiu para consigo. «Queres saber quem terá deixado a Ashk tão excitada.»

Morag aterrou onde não seria avistada da casa do clã, reverteu à forma humana e fez o resto do caminho a pé. Chegou à residência ao mesmo tempo que Ashk vinha a sair por uma das portas.

— Como estou? — perguntou-lhe, fazendo uma pirueta, para exibir o seu vestido verde e o colete acastanhado, com bordados elegantes.

«Pareces uma fidalga, excetuando as orelhas pontiagudas e o aspeto ferino dos Fae», pensou Morag.

— Estás linda.

Os olhos castanho-esverdeados de Ashk revestiram-se de um brilho que Morag nunca vira neles antes.

Soou uma corneta na floresta. Ashk abriu ligeiramente as narinas, como se tentasse apanhar algum cheiro que o vento lhe trouxesse e, com um sorriso, disse:

— Já chegaram. Vem conhecê-los.

Sem esperar por resposta, dirigiu-se para o homem moreno que chegou montado num cavalo cinzento, acompanhado de uma jovem com um pônei negro, que surgiram lentamente no horizonte.

«São fidalgos», concluiu Morag, à medida que se colocava numa posição de onde pudesse observar Ashk, bem como os desconhecidos. Foi por isso que avistou o menino que vinha sentado atrás do homem mais velho. Olhando de frente, não teria visibilidade para o rapaz.

— Senhora Ashk — disse o homem, em tom formal e educado.

— Barão Padrick — respondeu-lhe, com igual cerimónia. — Entre e seja bem-vindo.

Morag sondou os rostos dos outros Fae que estavam a assistir àquele encontro. Não lhe pareciam preocupados, nem receosos, por o barão daquela terra ter vindo à casa do clã. Não, mostravam-se antes divertidos com a formalidade das saudações, tal como a jovem montada no pônei negro, que revirou os olhos, gesto que levou o menino que a acompanhava a deitar-lhe um olhar carrancudo.

— Trouxe uma pessoa para a visitar — disse Padrick. Estendeu um braço para trás de si e ajudou o rapaz a descer da sela, antes de se apear.

A jovem, cujos lábios se rasgavam num sorriso, agora que via a reação de Ashk, desceu de cima do seu pônei e levou-o para perto de Morag.

Ashk olhou atentamente para o menino, antes de deitar um olhar confuso a Padrick.

— Vieste apresentar-me um barão?

Morag teve vontade de revirar os olhos, como a jovem. O que se passava com Ashk? Era evidente que o menino era filho de Padrick. Estava à vista de todos os que olhassem para um e para outro.

O menino, simultaneamente satisfeito e envergonhado, disse:

— Olá, Mãe.

Ashk olhou-o com frieza.

— Mãe? O meu senhor está enganado. O meu filho é um menino com onze anos, e o senhor é um jovem alto, um garboso mancebo.

— Mãe! Sou eu, o Evan. De verdade. — Levantou o olhar para o homem que se erguia a seu lado. — Diz-lhe, pai.

Morag olhou fixamente para Padrick, depois para Ashk. Pai? Mãe? Ela tivera um filho com um barão?

Ashk inclinou a cabeça para um lado, com um ar meditabundo.

— Talvez me convenças se me deres um abraço.

Abriu os braços para ele.

Quando o menino olhou para as pessoas que o rodeavam, hesitante, Padrick disse-lhe:

— Se ainda não aprendeste o que é uma boa proposta quando ouves uma, então tenho todo o gosto em ficar com o teu abraço, além do meu.

— Julgas que tens direito a um abraço? — perguntou-lhe Ashk.

— Com certeza que sim — respondeu-lhe.

O menino deu um passo tímido na direção da mãe. Deu mais outro. Quando Ashk lhe dedicou um sorriso, correu a distância que faltava para chegar aos braços dela.

Padrick voltou-se para a jovem e piscou-lhe o olho. Ela reagiu com um sorriso maroto.

Passados instantes, o barão disse:

— Agora sai daí, rapaz, que é a minha vez.

Evan contorceu-se para fugir dos braços da mãe e deu um passo ao lado, sorridente.

Padrick avançou e foi recebido com um pouco mais do que um abraço.

— Chamo-me Caitlin. Quem é a senhora?

Morag tirou a vista de cima de Ashk e fixou a menina que se encontrava a seu lado. Tinha olhos azuis, como o barão, mas cabelos castanho-acinzentados, como os de Ashk. Além do mais, o rosto que estava a olhar para

ela era igual ao da mãe. Embora fosse mais jovem e mais humano, a aparência entre as duas era evidente.

— Veio de outro clã e está de visita? — quis saber Caitlin.

— Exatamente.

— É amiga do Neall e da Ari — explicou Evan, juntando-se a elas. — Está a viver em casa deles. Foi o pai que me contou.

— Também me contou a mim — atirou Caitlin, com uma voz irritada. — Só estava a ser bem-educada.

Ambas as crianças olharam para os pais, que continuavam abraçados.

— Quando eu era pequeno, achava horrível que os homens tivessem de beijar as senhoras assim — disse Evan, pensativo. — Agora que estou mais crescido, já não me parece tão mau. Talvez um dia experimente. Quando for mais velho.

— Só os homens casados podem beijar assim — esclareceu Caitlin. — E só o podem fazer com as esposas.

— Os homens casados também podem dar beijos a outras senhoras.

— Não podem.

— Podem, sim. O pai dá beijos a senhoras que são amigas dele. Como a Ari.

— Mas não as beija da mesma maneira.

— Claro que não é da mesma maneira.

— Se beijasse, a Mãe apertava-lhe o pescoço.

— E se a Mãe beijasse outro homem assim, o Pai prendia-a nas masmorras e não a deixava sair enquanto não jurasse que não voltaria a fazê-lo. Caitlin ficou carrancuda.

— Não temos masmorras e, mesmo se tivéssemos, o Pai nunca seria capaz de fazer isso à Mãe.

Evan franziu o sobrolho para a irmã.

— Acredito que não, mas ficava muito, muito zangado.

— De certeza absoluta — concordou Caitlin.

«São uns monstros sanguinários», pensou Morag.

Nesse preciso instante, olharam os dois para ela, com um ar demasiado atento para se sentir à vontade.

— Qual é o seu dom? — indagou Caitlin.

Morag hesitou, antes de admitir:

— Sou a Ceifeira.

Contava que eles se afastassem de imediato. As crianças dos outros clãs, quando sabiam quem ela era, tendiam a manter-se à distância. Ao invés, Evan e Caitlin ficaram com um novo brilho nos olhos.

— É a única Serva da Morte que pode colher uma alma antes de o corpo dela morrer — disse Evan, entusiasmado. — Alguma vez fez isso?

— Há alturas em que é um ato mais misericordioso deixar a alma seguir para o Reino do Verão quando o corpo está debilitado e o espírito em sofrimento — respondeu, ponderada.

— Alguma vez colheu a alma de alguém por ter feito uma coisa má? — indagou Caitlin.

Morag lembrou-se dos inquisidores cujas almas levava quando os seus corpos ainda estavam intactos e gozavam de boa saúde para os impedir de matarem as bruxas. Não se tratava de uma decisão que lhe apetecesse tentar explicar àquelas crianças.

— Geralmente, colho as almas de indivíduos cujos corpos já foram devolvidos aos braços da Mãe Universal.

— Mas se uma pessoa fizesse uma coisa má, levaria a alma dela, não é verdade? — insistiu Caitlin.

— Claro que sim — afirmou Evan. — É a Ceifeira. Se piratas atacassem um navio mercante e ela os apanhasse, matava-os e deitava-os ao mar, para salvar os marinheiros. Não é assim?

— Aah... — Como havia Morag de responder àquele menino que a olhava com um ar tão encorajador?

— Mas não levaria a alma de alguém por ter feito uma maldadezinha — disse Caitlin —, porque isso seria injusto, não é verdade?

— De facto, isso seria uma injustiça — confirmou a Ceifeira. — Os vossos... os vossos pais contaram-vos isso tudo? Disseram-vos que sou a Ceifeira e que vos levo as almas se não se portarem bem?

As crianças abanaram as respetivas cabeças.

— Não, não — disse Caitlin. — Nunca nos diriam tal coisa. Além disso, a senhora anda ocupada a ceifar as almas mais importantes, por isso não teria tempo para lidar com alguém que só tivesse feito uma pequena maldadezinha.

— Quando éramos pequenos, a Mãe dizia que, se fizéssemos uma asneira muito grande, nos despejava na latrina — confessou Evan.

— Dizia que não nos deixaria voltar a entrar na casa do clã enquanto não tomássemos e banho e não lavássemos a roupa até o cheiro ser suportável — acrescentou Caitlin.

— Foi por isso que, num dia, decidimos descobrir como seria o castigo se fizéssemos uma asneira tão grande, que a Mãe nos despejasse na latrina — contou Evan. — Amarrámos uma corda a uma árvore perto de uma das casas de banho e levámos a outra ponta connosco quando fomos lá para dentro, para podermos voltar a sair.

— Foi muito mau — esclareceu Caitlin, franzindo o nariz. — Além disso, nunca fomos capazes de limpar bem os sapatos até o cheiro ser suportável. A Mãe acabou por atirá-los para dentro da latrina. Quando o Pai

veio buscar-nos, proibiu-nos de entrarmos com aquela roupa em casa, embora tivéssemos lavado tudo.

— E obrigou-nos a tomar banho outra vez — disse Evan.

— Mas nunca fizemos nenhuma asneira tão grande que a Mãe nos despejasse na latrina — afirmou Caitlin, com orgulho. — E agora, que somos mais velhos, já não nos metemos em sarilhos desses.

— Fico muito feliz por isso — reagiu Morag, sem convicção. Algo desesperada, olhou à sua volta, e sentiu-se praticamente derreter de alívio quando Ashk e Padrick se foram juntar a eles.

Ashk sorriu para os seus filhos.

— Está ali uma pessoa à espera de vos ver. Sigam por aquele caminho. Podes deixar o pônei aqui — disse para Caitlin, antes de franzir o sobrolho para Evan. — Porque vieste sentado atrás do teu pai? Onde está o teu pônei?

Evan fez um sorriso amoroso para a sua mãe.

— Emprestei-o à Ari e a carrocinha também. É tão pequena que cabe em quase todos os caminhos da floresta e, assim, a Ari não vai ter de andar tanto quando for apanhar flores no verão.

— Foste muito atencioso — disse Ashk.

Padrick tossicou.

— Agora, vão à vossa vida e não se esqueçam de voltar. Vão ser os convidados de honra no banquete e não podemos começar antes de chegarem.

As crianças riram-se para ele. Evan rompeu a correr pelo caminho abaixo. Caitlin enfiou as rédeas na mão da sua mãe e arrancou atrás dele.

— Morag? — disse Ashk. — Estás branca. Sentes-te mal?

— Estive a conversar com os teus filhos.

— Credo — reagiram, em coro.

— Não posso dizer que alguma vez tenha conhecido crianças assim.

Ashk olhou-a com frieza.

— Não são assim tão diferentes das outras.

— São como as outras crianças daqui, do ocidente — disse Patrick —, mas talvez sejam diferentes dos meninos que foram criados única e exclusivamente em Tir Alainn.

— Pois — disse Morag, aliviada por ele ter compreendido. Então, interrogou-se porque teria ele percebido tão bem.

— Minha senhora — disse Padrick, com um olhar intenso para Ashk.

— Morag — disse a esposa dele —, este é o Padrick, o Barão de Breton, o meu marido. Padrick, esta é a Morag, a Ceifeira.

— Prazer em conhecê-la, Senhora Morag — disse ele.

A Ceifeira olhou para um e para o outro. Marido? Não era apenas um companheiro?

Deve ter-se mostrado tão espantada quanto se sentia, porque Padrick disse:

— Os nobres exigem que os barões tenham herdeiros legítimos, portanto a Ashk teve a bondade de se casar comigo de acordo com a tradição dos humanos.

— Compreendo — disse Morag, mas realmente não compreendia. Eram um barão e uma Senhora das Florestas. Um fidalgo e uma Fae. Viviam lado a lado, embora separados, cada um no seu cantinho do universo, e além disso faziam a ponte entre esses dois meios.

«Vocês sequer imaginam quão diferentes são dos outros Fae?», interrogou-se.

O divertimento ferino que transpareceu nos olhos castanho-esverdeados de Ashk indicou-lhe, claramente, que pelo menos ela estava bem ciente de que o modo como o seu clã aceitara o seu matrimônio com um barão seria incompreensível para os Fae que moravam fora do ocidente.

Quando viu a mesma boa-disposição nos olhos de Padrick, teve um rasgo de lucidez que a atingiu com a violência de um murro no estômago. Concentrara-se no rosto humano e no título nobiliárquico e não lhe ocorrera que podia ter razões para não se deixar iludir pelas aparências. Devia ter admitido outra possibilidade, particularmente depois de ter passado os últimos dias em casa de Neall e de Ari.

Padrick talvez fosse um fidalgo e até um barão, mas além disso era um Fae.

— Os meninos vêm aí — disse Ashk, passado um silêncio momentâneo. — Vamos ter com os outros, para começarmos o banquete?

À medida que o entardecer dava lugar à noite e a festa à dança, à música, às histórias, Morag sentia-se incapaz de sacudir a impressão de que, ao entrar no território dos clãs do ocidente, atravessara uma fronteira mais vincada do que alguma vez imaginara.

Recusou-se a participar noutra dança e sentou-se ao lado de Ari, feliz por ter um instante para observar as festividades, em vez de se deixar levar por elas.

— Porque não me contou que a Ashk era casada com o barão desta terra? — perguntou-lhe, algo magoada por lhe terem omitido informação que, afinal de contas, parecia ser do conhecimento geral no seio daquele clã. Essa atitude lembrara-a nitidamente de que continuava a ser uma marginal, de que talvez continuasse a sê-lo para sempre.

— Não me ocorreu — disse Ari. Então, hesitou, antes de acrescentar: — Contou-nos muito pouco sobre onde estive no ano passado, mas acho que temos todos a sensação de que foi um percurso acidentado, tanto em termos físicos como emocionais. Já tem tido muito a que se adaptar nos

poucos dias que passaram desde que veio para aqui. — Tocou ao de leve no braço da Ceifeira. — Estes Fae são diferentes dos outros, não são?

Morag olhou para os homens e as mulheres que dançavam sorridentes em seu redor e sentiu que lhe faltava pouco, muito pouco, para compreender algo que lhe escapara desde que se juntara àquele clã.

— Sim, são diferentes.

No quarto que lhe fora reservado na casa do clã, Ashk deixou-se ficar deitada de costas na cama, entregue a devaneios, a ver o modo como a luz das velas brincava com as sombras que projetava no teto. O ar noturno secara o suor na sua pele, arrefecendo-a, salvo onde Padrick deixara um braço, pesado e morno, ao longo do seu ventre, com a cabeça encostada ao ombro dela.

— Se ainda fosse um jovem vigoroso, o meu membro já estaria pronto para mais — disse ele.

— Humm — reagiu Ashk, demasiado satisfeita para dizer mais do que isso.

Padrick levantou a cabeça.

— Não tens mais nada para dizer, mulher? Devias ter feito algum elogio.

Ashk voltou-se para ele.

— Prefiro um amante experiente a um rapazote entusiasmado.

Padrick emitiu um grunhido e voltou a assentar a cabeça no ombro dela.

Ashk sorriu.

— Conta-me o que vocês os três estavam a discutir hoje à noite. Pareceu-me que era conversa séria.

— Quem?

Foi a vez de Ashk emitir um grunhido.

— Sabes bem a quem me refiro. A ti, ao Evan e ao Neall.

— Ah, isso... Se queres que te diga, estávamos a comparar o tamanho das nossas pilas.

Ashk emitiu um ruído desdenhoso.

— É pena. Deve ter sido uma vergonha quando o Evan saiu vencedor do concurso.

— Nunca tiveste razões de queixa quando me ponho em sentido, mulher — resmungou.

Ela limitou-se a sorrir.

— Bem — prosseguiu Padrick, rolando, para se deitar de costas. — Mais vale contar-te. Foste tu que começaste, terás de ser tu a acabar.

— Comecei o quê? — perguntou-lhe, sentando-se de modo a ficar em melhor posição para semicerrar os olhos para o marido. — Acabar o quê?

— Tens de aprender a ter mais cuidado com o que escreves, minha querida esposa.

O sorriso nos lábios de Padrick deixou-a nervosa.

— Eu não escrevi nada.

O sorriso dele alargou.

— Ora. Quem é que, há uns meses, andava a chorar pelos cantos, porque o seu primogénito estava longe, no colégio, no dia em que fez anos?

— Eu não andava a chorar pelos cantos!

Na verdade, andara, mas tivera esperança de que o marido não reparasse.

— E quem é que ficou incomodado por só poder enviar prendas que não suscitassem comentários num colégio para fidalgos?

— Isso é perfeitamente compreensível — disse Ashk, na defensiva, pressentido que lhe estavam a preparar uma armadilha, mas sem lhe conseguir adivinhar os contornos.

— E quem foi que escreveu uma carta para o dito primogénito e lhe disse que, por não festejar o aniversário em casa, podia escolher o presente que quisesse quando voltasse?

— E então? — Quando o marido não teceu comentários, interrogou-se se ele acharia piada quando o empurrasse para fora da cama. — O que tem isso que ver... — Começou a perceber os contornos da ratoeira. — O que tem isso que ver com o Neall?

— Quem tem, minha querida esposa, os melhores cavalos desta terra?

— Um cavalo? — Ashk cravou o olhar no seu marido. — Nunca disse que ele podia ter um cavalo!

— E nunca disseste que não podia.

— É demasiado novo para ter um cavalo. Além disso, já tem um pónei.

— Não tem, não. Emprestou-o, juntamente com a carrocinha, à Ari.

— Mas...

— Neste ano, o nosso menino aprendeu muito mais do que aquilo que vem nos livros. Travou amizade com os filhos de um comerciante abastado, do Leste de Sylvalan, e os três passaram a pente fino todas as palavras da tal carta, como se fosse um contrato cheio de letras pequeninas.

— Mas...

Padrick desatou a rir-se às gargalhadas.

— Devias tê-lo ouvido, Ashk. Contou ao Neall que tinha andado a pensar na Ari a andar a pé na floresta, horas a fio, para ir apanhar plantas, ainda por cima com o peso de um bebé no ventre. Disse-lhe, de homem para homem, que percebia que ele devia estar preocupado com isso, explicando que tinha sido por esse motivo que lhe emprestara o pónei e a carroça, embora assim não tivesse montada para si próprio. Depois comentou,

como quem não quer a coisa, que o Glenn, quando veio para o ocidente, para se juntar ao Neall e à Ari, trouxe um cavalo que lhe pareceu demasiado pequeno para um adulto.

— Mas é aceitável para uma senhora — asseverou Ashk.

— Disse que, no entanto, parecia ser uma boa montada, pelo que seria uma pena desperdiçá-la.

Ashk abriu a boca e voltou a fechá-la, batendo os dentes.

— Pois — disse Padrick, com um sorriso largo —, conseguiu derreter o Neall como se fosse manteiga ao sol.

— Não está certo aproveitar-se do Neall — rosnou Ashk.

— Tendo em conta a maneira como me piscou o olho depois de o Evan se ter afastado, diria que o Neall também tem muito jeito para o negócio.

Ashk deixou escapar um grito suficientemente baixo para não semear a confusão e evitar que alguém viesse bater-lhes à porta, a pedir satisfações.

— Nesse caso, quando tu e o Evan forem negociar a compra do cavaleiro, não obrigues o Neall a fazer o trabalho todo sozinho, até ser capaz de reduzir o preço para o valor que tiver mente. Também tens de cumprir o teu papel na negociata.

— Não participo em negociatas.

Padrick pegou na mão dela, assumindo um ar sério.

— Participas, sim. Todos os dias. Só não negocias ninharias. Não negocias nada assim.

Ashk contemplou-o com atenção, atentou no modo como a luz das velas o iluminavam e cobriam de sombras.

— Quando tens de partir para te reunires com o conselho dos barões?

— Já devia ter partido, mas quis trazer o Evan a casa antes de irmos. Não te preocupes — acrescentou, afastando os cabelos dela para trás dos ombros. — Vou a Tir Alainn e uso as pontes entre os territórios dos clãs até chegar ao Sul das Montanhas da Mãe. Assim, poupo um dia de viagem, se não mais.

— Terás de levar um cavalo dos Fae, se quiseres seguir pelas estradas resplandecentes.

— Sou perfeitamente capaz de toldar o espírito de um moço de estrebaria para que não veja nada senão um cavalo de qualidade, mas normal — disse Padrick.

— Eu sei — replicou, com um sorriso.

— E posso usar magia para disfarçar este rosto nobre com um aspeto Fae, para que a minha presença em Tir Alainn não perturbe os clãs que não sejam do ocidente.

«O que teria dito a Morag se lhe tivesse contado que estou apaixonada por um homem que, devido ao sangue que lhe corre nas veias, resultante

das misturas acumuladas ao longo das gerações, não só é um barão humano, como também um Fae?», interrogou-se. «Se ela tivesse mostrado desprezo pelo nosso casamento, que é a atitude que espero dos Fae que não pertencem os clãs ocidentais, isso teria destruído a amizade que tem vindo a crescer, gradualmente, entre nós. Assim sendo, quem estava eu a proteger quando não lhe contei nada até hoje, quando a apresentei de surpresa ao Padrick e aos nossos filhos? Morag? Ou eu?»

— Tenho de ir, Ashk — disse Padrick, com carinho. — Custa-me deixar-te, mas tenho de me reunir com o conselho.

Ela obrigou-se a pôr de parte os seus próprios pensamentos e apercebeu-se de que ele estava francamente perturbado.

— Eu sei. Ambos temos de cumprir os deveres que nos competem. — Olhou-o com atenção e perguntou-lhe: — Porque estás preocupado, Padrick?

Quando não teve resposta imediata, ficou à espera. Aprendera ao longo dos anos que, quando o marido estava incomodado, tentava pôr as ideias em ordem e enfiá-las como se fossem pérolas, antes de lhas apresentar.

— Várias coisas — acabou por dizer. — Não gostei do que ouvi quando os barões se reuniram no outono passado. Não gostei do que ouvi no clube onde janto para poder escutar outras opiniões, além daquelas que os barões zurram uns para os outros. Aconteceram desenvolvimentos no oriente, no verão passado, que não auguram nada de bom para nós e também me preocupo com o que não ouvi dizer, principalmente quando comparei essa informação com aquilo que o Neall me contou sobre os Mantos Negros.

Ashk estremeceu. Neall mostrara-se mais disponível para falar com Padrick do que com ela própria, mas o marido dera-lhe informação suficiente para que partilhasse das preocupações dele. Também lhe ocorreu ainda que, se quisesse, realmente, ficar mais a par da situação, a pessoa mais indicada para informá-la seria Morag.

Bem, haveria de perguntar à Ceifeira, mas noutro dia.

— Também estou preocupado com os filhos do comerciante — prosseguiu Padrick.

— Não achas que sejam bons amigos para o Evan?

Ela própria não sabia se estava satisfeita com essas amizades, visto que tinha quase a certeza de que o seu filho não se lembraria de obrigá-la a comprar-lhe um cavalo naquela tenra idade se não tivesse contado com a ajuda de duas cabecinhas mercantilistas para ver as palavras ternas da mãe como moedas na mesa de negociações.

— São bons rapazes. Inteligentes e atrevidos, mas delicados e respeitosos. O problema não são os meninos, mas... Há bons colégios no leste, a

acreditar nos barões orientais, são melhores do que os que existem no ocidente. A família de um comerciante abastado é quase equivalente à de um pequeno nobre. Não teria qualquer dificuldade em matricular os meninos num colégio do leste. Assim sendo, porque haveria a família de um comerciante oriental matricular os meninos tão longe de casa?

— Será por não se preocupar com os sentimentos dos rapazes e de não os querer ter perto de casa? — aventurou Ashk.

Padrick abanou a cabeça na negativa.

— Preocupam-se. Os rapazes comentaram que o tio, capitão de um dos navios da frota da família, atracou no porto mais próximo e fez o resto da viagem até ao colégio numa carruagem para lhes levar presentes dos pais e passar o Solstício de inverno com eles, visto que não tinham tempo para ir passá-lo a casa. Quando fui buscar o Evan, o tio deles também estava lá e tivemos dois dedos de conversa. Disse-me que gostaria de encontrar uma cidade portuária simpática, aqui no ocidente, que pudesse usar como porto de escala para a frota da família. Disse-me isso com naturalidade, mas quando descobriu que eu sou barão, apressou-se a comentar que seria benéfico para as populações ocidentais se recebem mercadorias transportadas por mar.

Ashk olhou fixamente para o marido.

— Ele estava a oferecer-se para... como é que se diz? Para te subornar?

— Na medida em que insinuou que me pode oferecer qualquer mercadoria que me interesse por um preço inferior ao cobrado pela concorrência, sim, diria que tentou subornar-me.

Ashk balbuciou:

— Onde foi ele buscar a ideia de que aceitarias tal coisa, ou de que um homem cuja propriedade fica a um dia de viagem do litoral poderia ter alguma influência.

— Porque eu sou influente, não sou? — replicou Padrick, em voz baixa. — Pelo menos, tenho influência numa povoação costeira que só tem barão no papel, que há muitos anos que não vota nas reuniões do conselho por falta de comparência.

— Julgas mesmo que ele está interessado em ter um... porto seguro situado numa aldeia com pouquíssimos habitantes humanos? — perguntou-lhe, desconfiada.

— Ele tem poderes, Ashk. Não é Fae, mas reconheci uma força oculta nele. Acho que ele também pressentiu a magia que tenho em mim, aliás, desde logo terá sido por isso que se arriscou a abordar-me. Não creio que esteja à procura de porto seguro para o seu navio mercante, tão-pouco que lhe interesse expandir o âmbito dos seus negócios para recheiar os cofres da família. Acho que, na verdade, está à procura de porto seguro para a sua

família, recurso que possa assegurar antes de vir a ser necessário. Julgo que é por isso que aqueles meninos frequentam um colégio aqui, no ocidente. É um porto seguro. — Padrick fez um intervalo. — Também comentou que a esposa e a filha vinham visitar parentes no verão, numa localidade junto das Colinas da Mãe.

Ashk teve um calafrio. Não ficou exatamente assustada. Sentiu-se mais como se tivesse entrado em sombras escuras, frias, depois de ter passado algum tempo ao sol num dia em que o calor se lhe tivesse colado à pele.

Reparando na reação dela, Padrick acenou com a cabeça.

— Oh, ele não foi muito explícito. Nesse sentido, teve cuidado, ficou atento para ver se eu entendia e aceitava a situação, ou se me teria dado demasiada informação. Contudo, mencionou que a propriedade da sua família incluía bons terrenos e ótimas florestas. Florestas antigas.

— Fica num Lugar Antigo — disse Ashk, em voz baixa. — Achas que a família dele descende da Casa de Gaian.

— Não sei ao certo se queriam fazer boa figura perante mim, ou o Evan, mas antes que ele pudesse impedi-los, os sobrinhos publicitaram que o tio nunca perdera um dos seus navios para o mar, nunca entrara a coxear no porto depois de uma tempestade. Comentaram que, quando se levantava um temporal, o tio ia à proa do navio, amarrava-se aos brandais, se fosse preciso, e falava com o mar. Nessas alturas, por mais violenta que fosse a tempestade, por mais altas que fossem as ondas, o mar deixava o navio passar em segurança.

— Que a Mãe nos proteja.

— Posto isso, sim, acho que podemos presumir, com confiança, que a família dele descende da Casa de Gaian e isso é um perigo para todos eles.

— Vais arranjar porto seguro para ele e para os seus — disse Ashk, não se dando ao trabalho de lhe perguntar, por ter compreendido que Padrick já estava quase decidido a fazer precisamente isso.

— Quis discutir o assunto contigo primeiro.

— Vais arranjar porto seguro para ele e para os seus — insistiu.

O marido deixou escapar um suspiro, como se houvessem acabado de levantar um fardo imenso dos seus ombros.

— A companhia de navegação dele tem uma agência em Durham. Sei o nome do primo que gere o escritório. Vou deixar-lhe uma mensagem, para que lha transmita.

«E eu vou conversar com a Morag», refletiu Ashk.

— Deixo os meninos contigo, enquanto estiver fora.

— Com certeza. Posso fingir que sou a senhora da casa durante uma ou duas semanas.

— Não. Prefiro que eles fiquem aqui. Contigo.

Ashk tentou interpretar as emoções que detetou por trás das palavras dele e não gostou das conclusões a que chegou.

— Sei que os teus empregados não se sentem à vontade comigo, mas...

— Sentem-se mais à vontade do que pareces julgar — respondeu-lhe, terminantemente. — Pelas tetas da Mãe, Ashk. O povo das nossas quintas não deixa oferendas para aplacarem os Fae, como fazem noutros sítios. Fazem-no na esperança de que os seres para quem as deixam apareçam enquanto eles estão ali, para conversarem um pouco com eles. Imaginas quantas pessoas bateram à porta do Neall e da Ari quando chegaram no verão passado, para lhes oferecerem pão e refeições feitas? Quantos daqueles homens desistiram de um dia de trabalho nos seus próprios terrenos para poderem ajudar o Neall? Quantas mulheres apareceram para limpar a casa porque a Ari estava demasiado frágil para fazer trabalhos pesados sozinha? Não fizeram nada disso por medo da bruxa e do jovem Senhor das Flores-tas. Fizeram-no por quererem conhecer a Ari e o Neall.

O olhar de Ashk desceu até à sua mão, entrelaçada com a dele.

— Não fazia ideia. Confesso que não percebi. Na verdade ainda não me sinto à vontade com a maioria dos humanos. Continuo a estranhar muitas das tradições deles.

Padrick pousou mais uma mão sobre a dela.

— Ainda não passaram muitos anos desde que ambos os povos começaram a tentar conhecer-se abertamente. Antes disso, sempre tinham tido noção da existência um do outros mas mantinham-se, geralmente, afastados.

— Vou mudar-me para a casa de campo. É uma maneira de me habituar a lidar com o povo quando não estás lá para tratar disso.

— Não — replicou Padrick, com firmeza. Calou-se por instantes. — Os meus empregados são criadas domésticas e agricultores. Na aldeia há comerciantes, alfaiates, costureiras e padeiros. É boa gente... mas não são Fae. Não são criados com arco e flechas nas mãos. Enquanto eu estiver fora, fico mais descansado se souber que as crianças estão aqui, em segurança... contigo.

— Se me comprometer com isso, para ficares sossegado, o que prometes fazer para eu ficar mais descansada? — perguntou-lhe. — No sítio onde vais, não podes correr a refugiar-te na floresta.

— Prometo-te que tenho cuidado, minha esposa. Prometo que sim. E volto para casa assim que puder.

Quando se inclinou para beijá-la, Ashk desviou-se e pousou uma mão no ombro dele, para indicar que não rejeitava o seu carinho, mas que tinha mais para dizer.

— O meu avô está na floresta.

— Julgava que era com ele que querias que os meninos falassem antes do banquete — replicou. — Lamento que ele não nos tenha acompanhado. Estava mal disposto depois da viagem?

Ashk sentiu que estava a afastar-se da luz, a embrenhar-se cada vez mais nas sombras da floresta. Quase ouvia o sangue a pingar da sua faca e a cair nas folhas a seus pés. Ainda não era altura disso, não hoje, nem amanhã, mas não tardaria a acontecer.

— O antigo Senhor das Florestas está no bosque — repetiu, dando agora mais ênfase às suas palavras. — Não veio à casa do clã. Não reverteu à forma humana desde que chegou aqui.

— Compreendo.

Mas não compreendia. Não totalmente. Antigamente, as características que herdara dos Fae estavam latentes no sangue dele. Talvez assim houvessem continuado se os dois não se tivessem tornado amantes., se não tivessem sido despertadas pela proximidade constante da força dela e do seu dom particular. O seu marido compreendia o clã melhor do que compreendia os humanos, mas não entendia aquilo.

Padrick respirou fundo e demorou-se a soltar o ar dos pulmões.

— Falo com o Forrester quando passar pela casa de campo para ir buscar os alforges. Peço-lhe e aos couteiros que vejam se encontram o teu avô.

— Não era aí que eu queria chegar, mas agradeço a atenção. — Ashk fechou os olhos. Passou em revista no seu espírito fragmentos dos dias anteriores, tentando ver neles uma imagem coerente. Simplesmente, não conseguia. — Primeiro chegou a Morag. Porque veio ela aqui? Porquê agora? Terá realmente escolhido ao acaso a estrada que a trouxe a este clã, ou terá sido conduzida pelo seu dom, de maneira tão subtil que ainda não percebeu que foi aqui chamada? Depois o meu avô, o antigo Senhor das Florestas, veio ter aqui. Sabe alguma coisa, tem um pressentimento, mas teima em apresentar-se na forma de veado, fica na floresta por ser o modo mais eficaz de me mostrar o que o quer que o trouxe aqui. E tu és abordado pelo capitão de navio mercante cuja família tem laços que a unem à Casa de Gaian. Tudo isso está interligado de alguma maneira. — Abanou a cabeça. «Não forces, senão as ligações nunca se tornarão perceptíveis. Pensa noutra assunto.» Abriu os olhos de repente. — Raios partam o conselho dos barões! Não vais voltar para casa a tempo de festejares a primeira lua cheia do verão.

Padrick olhou-a com muita atenção, como se estivesse a tentar decidir aquela mudança de humores.

— E vais sair à rua nessa noite, minha querida Ashk?

— Oh, hei de sair, mas transformada numa criatura que nenhum outro homem terá vontade de acariciar.

O marido fez um sorriso rasgado.

— Adoro sentir os teus pelos nos meus dedos. Cerrados e macios.
Ela semicerrou os olhos.
— Não. Está demasiado calor e tenho andado a perder pelo que nunca mais acaba.
— Nesse caso, paciência. Posso dar-te uma boa escovadela quando voltar para casa.
— E se, nessa noite, comeres alguma coisa com algo que não sejam os teus olhos, depeno-te, meu lindo falcãozinho.
Pegou na mão dela e pousou-a no seu membro.
— Este aqui já não tem penas, mas sabia-lhe bem uma festinha.
Com uma risada, Ashk puxou-o para cima de si.